

# **“Há coisas que só acontecem ao Botafogo”**

## **O mito da imparcialidade dentro do jornalismo esportivo**

por

Rafael de Moraes Venâncio

(Aluno do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora na disciplina Projeto Experimental II. Orientador Acadêmico: Prof. Márcio de Oliveira Guerra.

VENÂNCIO, Rafael de Moraes. **“HÁ COISAS QUE SÓ ACONTECEM AO BOTAFOGO”**. O mito da imparcialidade dentro do jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem. 2005, 116 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

---

Professora Márcia Falabella  
Relatora

---

Professor Álvaro Americano  
Convidado

---

Professor Márcio de Oliveira Guerra  
Orientador Acadêmico

Examinado o projeto experimental:

Conceito:

Em:

À minha família, representada por meus pais, Rubens e Zuleica e meus irmãos, Felipe e Thiago, que sempre estiveram presentes me apoiando em todos os momentos.

Ao Márcio Guerra, que além de me orientar sempre que precisei me encorajou nos momentos mais complicados do trabalho, se mostrando um bom amigo, um grande professor e, acima de tudo, um verdadeiro botafoguense.

Aos meus amigos de faculdade, especialmente ao Paulo Ribeiro, que sempre esteve presente como um grande amigo durante toda a faculdade.

Ao Álvaro Americano, que durante o Mergulhão de Rádio, revitalizou em mim o interesse na prática jornalista. Um exemplo de profissional a ser seguido.

Ao Roberto Porto e ao Luis Mendes que se mostraram bastante receptivos e hospitaleiros quando estive em suas casas para entrevistá-los.

## SINOPSE

Análise comparativa entre as coberturas dos quatro clubes grandes do Rio de Janeiro: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco; nos cadernos de esportes de O Globo e Jornal do Brasil. Com foco no tratamento destinado ao Botafogo e questões referentes à imparcialidade dentro do jornalismo esportivo.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. JORNALISMO ESPORTIVO
3. IMPARCIALIDADE NO JORNALISMO ESPORTIVO
  - 3.1 *Jornalista Esportivo x Paixão clubística*
  - 3.2 *Interesses Mercadológicos*
4. HISTÓRIA DO BOTAFOGO
5. ENTREVISTAS
6. ESTUDO DE CASO
  - 6.1. ANÁLISE DE “O GLOBO”
    - 6.1.1 *De 16 a 25 de dezembro*
    - 6.1.2 *De 10 a 19 de janeiro*
    - 6.1.3 *De 5 a 15 de fevereiro*
  - 6.2. ANÁLISE DO “JORNAL DO BRASIL”
    - 6.2.1 *De 16 a 25 de dezembro*
    - 6.2.2 *De 10 a 19 de janeiro*
    - 6.2.3 *De 5 a 15 de fevereiro*

7. CONCLUSÃO

8. BIBLIOGRAFIA

9. ANEXOS

9.1 Entrevista com Roberto Porto

9.2 Entrevista com Luis Mendes

9.3 Entrevistas realizadas por e-mail

O Senhor sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?

Vinicius de Moraes

## 1. INTRODUÇÃO

Desde garoto, assim como qualquer torcedor apaixonado por futebol e especificamente pelo seu time, acompanho as transmissões esportivas feitas pelas emissoras de televisão, de rádio e leio o caderno de esportes dos jornais. E uma questão sempre me incomodou, obviamente por dizer respeito ao meu clube do coração: por que o Botafogo recebe um tratamento diferenciado por parte dos jornalistas? Por que muitas vezes ele é esquecido pela imprensa? Por que ele é o alvo preferido das chacotas? Por que esse desprestígio sendo ele um dos clubes mais importantes do futebol brasileiro e mundial, tendo sido inclusive eleito pela FIFA, órgão maior do futebol, como um dos 12 maiores clubes do século XX?

Então, na condição de botafoguense, e não contrariando a máxima que diz que *“Há coisas que só acontecem ao o Botafogo”*, resolvi estudar como tema do meu trabalho de conclusão de curso, quais seriam os motivos que levavam o time carioca a ser desprezado pela imprensa. É claro que tinha ciência que se tratava de uma matéria subjetiva, que enquanto muitas pessoas concordariam com tal questão, outras a rechaçariam e, além disso, poderia chegar ao fim do estudo e perceber que estava errado e que tudo não passava de uma distorção de percepção.

Para fundamentar meu trabalho, primeiramente, fiz um resgate histórico da origem do jornalismo esportivo no Brasil e seu desenvolvimento. Posteriormente analisei como se estabelece a imparcialidade dentro da crônica esportiva e quais seriam os fatores que interferem na construção de uma matéria jornalística ou de um comentário imparcial. Em seguida fiz uma viagem pela história do Botafogo, desde sua origem mais remota até os dias atuais.



Oito jornalistas esportivos foram entrevistados, entre botafoguenses e não-botafoguenses, com o objetivo de elucidar tais questões. Uns concordaram e me ajudaram a entender de onde vem esse tratamento diferenciado, enquanto que outros discordaram que o Botafogo seja desprestigiado pela imprensa esportiva. Por fim, realizei um estudo de caso comparando a cobertura de Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense em dois jornais cariocas: “O Globo” e o “Jornal do Brasil”, em três momentos diferentes e obtive resultados mais contundentes que elucidaram questões que haviam sido rechaçadas por boa parte dos jornalistas que entrevistei como a impossibilidade da existência de uma imparcialidade pregada e difundida nos manuais de jornalismo, e a interferência cada vez maior de questões comerciais como critério para escalonar o espaço e conteúdo das matérias destinadas aos diferentes clubes.

## 2. JORNALISMO ESPORTIVO

Atualmente o esporte é uma das indústrias que mais cresce no mundo. E a imprensa tem um papel fundamental na divulgação e propagação desse negócio. Especificamente no Brasil, futebol e imprensa sempre estiveram intimamente atrelados, afinal num país onde esse esporte é a expressão maior de identidade nacional, é natural que a imprensa, na sua qualidade de *“importante registro das crenças, valores, contradições, dramas e imagens da sociedade moderna”* (MONTEIRO, L.N. 1998, p. 16), acompanhe, incentive e divulgue esse fenômeno de massa chamado futebol.

O jornal Fanfulla, criado em 1910, foi o primeiro periódico a dedicar páginas à divulgação do esporte. O jornal, que era voltado para os imigrantes italianos em São Paulo, chegou a publicar um anúncio convocando os leitores a fundar um clube de futebol. Daí surgiu o Palestra Itália, que durante a II Guerra Mundial passou a se chamar Palmeiras.

Na década de 20 surgiram as primeiras revistas esportivas brasileiras: Vida Sportiva e Sport Ilustrado. Em 1928, o jornal A Gazeta, fundado pelo jornalista Cásper Líbero, criou o suplemento A Gazeta Esportiva. Em 1930, o jornalista Mário Filho fundou o primeiro periódico exclusivamente dedicado aos esportes no Brasil: o Jornal dos Sports.

Os esportes, particularmente o futebol, ganham cada vez mais espaço nos diários, e em 1929, o futebol ocupa pela primeira vez as primeiras páginas dos grandes jornais, na decisão do campeonato carioca entre Vasco da Gama e América. Até então as notícias esportivas se restringiam a notinhas nas colunas

sociais. *“Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes”*. (COELHO, P. 2003: p.7) A editoria de esportes era tida como um trabalho para iniciantes, não sendo necessária muita experiência.

*A seção de esportes, juntamente com a de polícia, figurou tradicionalmente como escola na época em que os “focas” entravam na redação sem qualquer idéia sobre a atividade jornalística. E dali saíram não poucos nomes para setores de maior responsabilidade.* (MONTEIRO, L. N. 1998: p.18)

No final dos anos 60, os grandes cadernos de esporte tomavam conta de importantes jornais. O Brasil, bicampeão do mundo já era uma potência do futebol e gerava uma demanda cada vez maior de consumidores. *“A aceitação crescente deste esporte em nosso país fez com que os jornais, superando a fase inicial de certa indiferença, o reconhecessem como um conteúdo próprio à difusão de massa”*. (FERNANDEZ, M. 1974: p.71).

*Numerosos estudos de jornalismo comparado demonstram, através da distribuição do espaço de informação jornalística, segundo o conteúdo, que os diários, sobretudo na América Latina, atribuem prioridade às notícias esportivas.* (FERNANDEZ, M. 1974: p.32).

Em março de 1970, a Editora Abril fundou a sua primeira revista esportiva: Placar. O interessante é que o principal gancho para o lançamento da revista não foi a iminência da conquista do tricampeonato no México, e sim a estréia da Loteria Esportiva, que tinha como slogan *“Aprenda a ficar tão rico quanto Pelé”*. Consequentemente, a seção mais lida era justamente a de prognósticos dos resultados.

Não demorou muito para o futebol tornar-se assunto do cinema, da literatura e da TV. É ele o grande responsável por um dos investimentos mais

ousados da época: a transmissão da Copa do Mundo de 1982, feita em cores para todo o Brasil.

A Copa de 82 representa um marco nas coberturas esportivas feitas no país. Isso porque, a TV Globo, que detinha os direitos de transmissão dos jogos, investiu pesado. Para garantir uma cobertura ampla aos telespectadores, levou cento e cinquenta profissionais à Espanha e contratou mais trinta auxiliares nas doze cidades – sede da Copa. Foram cento e cinquenta horas de futebol, de treze de junho a onze de julho, o que equivale há cinco horas por dia de bola rolando. Dezoito milhões de televisores sintonizaram a Globo, num total de oitenta milhões de torcedores acompanhando as partidas pela mesma emissora. Resultado: a marca impressionante de noventa e dois pontos no Ibope.

A mídia impressa também investiu pesado na cobertura da Copa da Espanha: o “Jornal do Brasil” editou e imprimiu um tablóide em Madri de 16 de junho até o final da competição, num total de cinco mil exemplares diários. O Estado de São Paulo inovou tecnologicamente com seus repórteres usando vídeo - terminais acoplados a computadores para transmitir as matérias.

Contudo, deve-se destacar que o primeiro veículo de comunicação e talvez o de maior importância no surgimento, soergimento e relação com o futebol, é o rádio. Coincidência ou não, quando no início do século XX apareciam os primeiros clubes de futebol no país, a tecnologia radiofônica também dava seus primeiros passos.

Em nível mundial, o encontro do esporte com o rádio se deu em 1921, com a transmissão de uma luta de boxe nos EUA, válida pelo título mundial dos pesos pesados, entre Jack Dempsey e George Carpenter.

No Brasil, esse encontro se deu quase dez anos mais tarde, quando Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, transmitiu uma partida de futebol. O jogo, entre as seleções de São Paulo e do Paraná foi realizado no campo da Chácara da Floresta, no bairro da Ponte Grande, em São Paulo, e valeu pelo VIII Campeonato Brasileiro de Seleções.

*(...) Nicolau Tuma é o pioneiro das irradiações diretas de futebol, lance por lance (...) continuamente, durante 90 minutos de jogo e o que criou um estilo de narração que passou a fazer parte da programação esportiva do rádio. (SOARES, E. 1994: p.18)*

Os caminhos do rádio e do futebol brasileiros começaram a se cruzar no início dos anos 30, quando ambos estavam tentando se desvincular do caráter elitista que os acompanhava até então.

O rádio começou a se popularizar em 1932, com a autorização da veiculação de publicidade (decreto 21.111 do Governo Federal). A transmissão esportiva teve papel fundamental nessa popularização e na reformulação da grade de programação das emissoras.

No contexto histórico da época, que se caracterizava pela centralização política e administrativa do país, o futebol possuía a fórmula perfeita, que atendia aos interesses das rádios sem ferir os do governo: informar, sem tocar em questões políticas, aumentar a audiência das emissoras e, conseqüentemente, a verba dos anunciantes, ao mesmo tempo em que mantinha acesa a paixão pelo futebol.

Nos primórdios das transmissões esportivas, o rádio era um veículo novo de comunicação. E as grandes dificuldades encontradas no radialismo esportivo

dessa época eram as referentes à parte técnica das emissoras, que muitas vezes eram vencidas pela criatividade de seus profissionais.

*Todos os desafios impostos para uma transmissão de uma partida de futebol acabaram sendo superados com a criatividade técnica ou de informação. O repórter de externa ganha agilidade a partir do exemplo dos repórteres de campo, que muitas vezes tem que buscar a informação na arquibancada, fora do estádio, no plantão médico, no vestiário, através, muitas vezes, do improviso, da preocupação em narrar com o máximo de precisão, para a compreensão e imaginação de quem está recebendo a informação. (GUERRA, M. 2002: p. 25)*

Apesar das dificuldades técnicas enfrentadas, o sucesso das transmissões diretas de partidas foi tamanho, que acabou causando a diminuição da ida de torcedores aos estádios e o protesto de dirigentes e clubes, fato que observamos hoje em dia com as transmissões realizadas pelas emissoras de TV. Tal fato resultou na exclusividade dos direitos de transmissão, no ano de 1934.

Alguns dirigentes vendiam os direitos de transmissão para determinadas rádios, ocasionando a revolta de outras emissoras.

Com a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 27 de abril de 1940, o rigor da exclusividade das transmissões perdeu força, visto que o estádio possuía cabines abertas a todas as rádios.

Diante da importância que o esporte foi adquirindo na imprensa brasileira, mudou-se também a visão e a formação do profissional da área. Já em 1981, Mário Erbolato chamava a atenção para o avanço do jornalismo esportivo:

*A evolução do noticiário esportivo tem sido notável. Jornais tradicionalíssimos passaram a dedicar-lhe cerca de vinte colunas diárias. É freqüente encontrarmos nas primeiras páginas não só as chamadas de matérias esportivas, mas também clichês de Pelé, de lutas de boxe, de Emerson Fittipaldi ou de jogos. A pesquisa e a interpretação já atingiram, também, jornalisticamente, o setor esportivo. A editoria de esportes tem importância pela diversidade de assuntos que aborda, nos setores profissionais e amadorístico. (ERBOLATO, M. 1981: p. 14).*

O futebol é uma das vedetes dos veículos de comunicação, desde a mídia impressa, o rádio e o cinema até chegar à TV e a *internet*. Nessa evolução, o surgimento de um meio de comunicação não invalidou nem suprimiu os outros, visto que existe um mercado consumidor para cada um deles.

*Da ampliação dos espaços nos jornais diários, à criação dos jornais especializados em esportes, às revistas semanais em todo o mundo, uma inegável constatação de que o fenômeno futebolístico marca historicamente o século XX. Em torno dele certamente giram os mais diferentes interesses, desde a pura e simples participação do esportista até a complexa máquina comercial, que o conduz e o utiliza para seu diferente objetivo.* (WITTER, J. 1990: p. 18)

Na década de 90 surgiram novidades significativas na imprensa esportiva. No que diz respeito à mídia impressa, foi criado o Lance!, diário dos esportes, especificamente em 1997, inovando o mercado editorial no âmbito da cobertura esportiva, trazendo novidades na diagramação e no conteúdo e se aproximando do formato de uma revista especializada. O jornal, todo colorido, fez com que os grandes jornais tivessem que reagir e renovar também seus cadernos de esportes.

A década de 90 presenciou também o crescimento de um novo veículo: a *wide world web*, popularmente conhecida como Internet. E ela chegou trazendo mudanças drásticas no jornalismo esportivo. A *internet* começou a ser utilizada não só para a obtenção, mas também para a divulgação de informações. Com isso as notícias passaram a chegar mais rápido ao leitor, como já tinha acontecido com o rádio e com a TV.

Outra novidade foi o surgimento de canais de TV por assinatura voltados exclusivamente para a cobertura esportiva como o *Sportv* e a ESPN, enfatizando não só o futebol como também as mais diversas modalidades esportivas.



### **3. IMPARCIALIDADE NA IMPRENSA ESPORTIVA**

O jornalismo é pautado por princípios que determinam como deve ser sua atuação nas mais diversas áreas da sociedade. A objetividade, a neutralidade, a imparcialidade, a negação de opiniões ou posicionamentos políticos, a exclusão de ideologias, são alguns dos ideais buscados pela imprensa. Entretanto, tal estrutura mostra-se frágil e até mesmo enganosa, a começar pela busca de objetividade do jornalista, até a crença no fato de que as notícias a serem relatadas são também escolhidas a partir de fatores objetivos.

Os profissionais dos veículos de comunicação, e em particular os jornalistas, enquanto sujeitos falantes são organizadores das notícias que relatam. Não há, portanto, a possibilidade de se relatar objetivamente o fato, porque os “fatos” não existem como entidades autônomas, e sim são construções da linguagem, e os mecanismos de tais operações, não são de forma alguma mecânicos, e sim o resultado de suas vivências, crenças e valores.

Segundo a professora de Deontologia da Comunicação na UNISINOS Cossete Castro, cada vez que o profissional escolhe uma palavra em detrimento de outra, uma fonte, um título, ou seleciona uma foto, está sendo parcial. Todo processo de seleção é um processo de escolha, e escolher significa ser parcial.

#### **3. 1. Jornalista esportivo x Paixão clubística**

E quando a seleção das notícias, todo o processo de elaboração de uma matéria envolve paixão? É o que acontece na imprensa esportiva, e em particular

com aqueles jornalistas que trabalham com o futebol. Afinal, sua escolha para trabalhar em tal área, deve ter sua origem mais remota na paixão nutrida pelo seu time de coração.

De acordo com Paulo Vinicius Coelho, *“Não existe jornalista de esportes, especialmente os que trabalham com futebol, que não tenha um time de infância.”* (COELHO, p. 2003: p. 55)

Uma questão se faz necessária: como o jornalista que trabalha com futebol deve se posicionar em relação ao time para o qual torce? Tal assunto é bastante contraditório. O jornalista Milton Neves, atualmente na Rede Record, sempre deixou claro que é torcedor do Santos. Outro que não esconde de ninguém sua paixão clubística é o corintiano Juca Kfourri, que até já escreveu livros sobre os tempos de torcedor, em que relembrou cada detalhe de cada viagem realizada, especialmente no Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1969, quando o Corinthians foi eliminado pelo Cruzeiro nas semifinais.

No Rio de Janeiro parece que essa questão é mais bem resolvida. Na capital carioca é comum saber o time de coração da maior parte dos cronistas. João Saldanha, por exemplo, era botafoguense. Tão botafoguense que foi até técnico da equipe alvinegra na conquista do título estadual de 1957, numa inesquecível decisão vencida sobre o Fluminense pelo elástico placar de 6 X 2. Outro exemplo clássico é a do radialista da rádio Tupi Washington Rodrigues, flamenguista assumido, que também já dirigiu a equipe rubro negra no ano de seu centenário em 1995. Nélon Rodrigues, célebre jornalista e escritor, em suas crônicas escancarava sua paixão pelo Fluminense. Ary Barroso na década de 30 foi o primeiro jornalista esportivo a assumir sua torcida por um clube.

*Ary Barroso também tornou-se o primeiro grande jornalista esportivo polêmico, já que, descaradamente, torcia ao narrar um jogo. “Ele não dizia falta contra o Flamengo. Ele falava: falta contra nós”, contou Jorge Couri, em depoimento ao “Globo Repórter”, sobre os 50 anos do rádio no Brasil. Ary Barroso acrescentou ao jogo a sua gaitinha. Ele não gritava gol, tocava repetidamente sua gaitinha. Isso era sinal de gol para o torcedor, que também ouvia ao fundo a vibração dos torcedores. É claro que essa gaita tocava um pouco mais, se fosse gol do Flamengo, despertando a ira dos adversários. (GUERRA, M. 2002: p. 23)*

Kafunga, que foi um dos maiores goleiros da história do Atlético Mineiro, após a carreira de atleta se tornou comentarista, se tornando um dos cronistas esportivos mais parciais do rádio, como relata o professor da faculdade de Comunicação da UFJF, Márcio Guerra, em seu livro **“Você ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol”**:

*Era atleticano “doente”, e um dia, num programa, lhe perguntaram o que achou da tabela da competição. Kafunga não hesitou: “Esta tabela está uma merda”. Todos à sua volta olharam assustados. Ele pegou novamente o microfone e disse: “Merda no bom sentido, é claro, senhores ouvintes”.*

Em contrapartida existem aqueles jornalistas que guardam a sete chaves o segredo de sua preferência clubística, como é o caso do colunista de O Globo Fernando Calazans, apesar dos rumores darem como certa sua paixão pelo Flamengo. Já o locutor Milton Leite do *Sportv* diz que teme revelar seu time de coração e acabar sendo agredido na entrada ou saída dos estádios.

Uma alternativa recorrente usada por muitos jornalistas esportivos para não revelarem seu time de infância, e ao mesmo tempo não serem acusados de se omitirem é dizer que torcem por clubes de menor expressão, os chamados médios ou pequenos. É como dizer que torce pelo Noroeste de Bauru quando o amor verdadeiro é pelo Santos. Ou afirmar que torce pela Ponte Preta e na verdade

nutrir uma paixão secreta pelo São Paulo. Ou dizer que é torcedor fanático do América-RJ, quando na verdade é Fluminense de coração.

*Vergonha para jornalista de qualquer área é não declarar sua preferência. Jornalista político tem o direito e o dever de votar. O fato de ter de comportar-se com isenção no período eleitoral não o obriga a anular seu voto. Da mesma forma, jornalista esportivo não deve nunca se envergonhar de torcer por essa ou por aquela equipe. Vergonha, para jornalista, é equivocar-se na informação coisa comum quando se trata de apuração. Mas mentir sobre uma coisa que diz respeito à sua própria vida é esquecer-se do maior compromisso do jornalista: o compromisso com a verdade. (COELHO, p. 2003: p. 58)*

O que o jornalista esportivo deve ter em mente é que sua paixão por determinado time não deve comprometer sua isenção no trato com a notícia. Afinal de contas, ele será lido, visto ou ouvido por milhares de torcedores que ao menor sinal de parcialidade a determinado assunto muitas vezes motivada por sua paixão a determinado clube, ocasionará uma grande revolta por parte desse público receptor.

Por isso a melhor forma do profissional da imprensa esportiva lidar com seu lado torcedor, é não esconder sua paixão, mas não reforçar que se torce por determinado time, pois isso poderia dar a impressão que suas matérias ou comentários não são isentos. E muito menos esconder a equipe pela qual torce. Pois ao agir assim, ele pode perder credibilidade e ser acusado de omissos por não revelar aquilo que sabe desde a infância: seu time de coração.

Um caso curioso aconteceu no dia 6 de janeiro de 2006, quando o América-RJ disputava contra a Cabofriense a semifinal da Taça Guanabara para decidir qual dessas equipes enfrentaria o Botafogo na final do torneio. O jogo aconteceu no mesmo horário do programa, Linha de Passe, no formato mesa-redonda, do

canal por assinatura ESPN - Brasil. Coincidentemente o diretor de jornalismo da emissora e principal comentarista do programa, José Trajano, torcedor confesso do América, se deu ao direito de faltar ao debate para ir torcer pelo América. E, a cada acontecimento relevante do jogo ele entrava ao vivo pelo celular para falar sobre o andamento do jogo. O interessante é que ele não relatava sobre o jogo como faria um jornalista, e sim como um torcedor fanático de seu time, chegando até a falar mal do juiz e a afirmar que seria uma grande injustiça se seu clube do coração não conseguisse a vaga para a final.

No final das contas o América se classificou e instaurou-se entre os componentes do programa uma espécie de comoção diante a emoção trazida pela porção torcedor de José Trajano, emocionado com a classificação do América. Outros dois componentes da mesa revelaram ou reforçaram seus times de coração, Juca Kfourri pelo Corinthians e Márcio Guedes pelo Botafogo. Enquanto que os outros integrantes do programa, Paulo Vinicius Coelho, Fernando Calazans e Paulo Soares continuaram mantendo segredo.

Nesse exemplo em específico o jornalista não se manteve isento e deixou sua paixão clubística falar mais alto do que o seu dever como jornalista. Agora, será que se o time em questão ao invés de ser o América, fosse um clube de massa, tal situação aconteceria?

O jornalista tem o dever de seguir os princípios de sua profissão, sob pena de se desviar dos fatos e perder credibilidade. Entretanto, ao mexer com algo tão imprevisível e tão intimamente relacionado com a paixão como é o futebol, ele se vê em conflito consigo mesmo, pois é obrigado a lidar com as duas éticas que existem dentro dele. Ele não pode deixar que a ética do torcedor se sobreponha à

do jornalista em momento algum. Quando isso acontece, o torcedor percebe de imediato, na medida em que se identifica no jornalista. Nesse momento ambos estão sendo levados pela mesma força.

Um subterfúgio cada vez mais usado pelos jornalistas esportivos é a utilização das estatísticas para embasar as opiniões dos comentaristas, narradores e colunistas que trabalham com o esporte. Visando oferecer um produto mais concreto e com maior grau de objetividade, os meios de comunicação falam a toda hora em passes certos, passes errados, chutes a gol, posse de bola, finalizações certas, número de faltas, tempo de bola em jogo.

Em tese, por mais que o jornalista tentasse induzir o torcedor, os números estariam ali para desmenti-lo. O mesmo aconteceria com o torcedor, que não teria como reclamar de um comentário orientado pela exatidão matemática. Mas o que se verifica é a manutenção da subjetividade, pois a lógica do futebol permite que até as indiscutíveis estatísticas sejam relativizadas. Nesse caso o que vai determinar o comentário do jornalista é sua interpretação diante de tais números. Assim, a mesma estatística pode receber diversos tratamentos, dependendo de onde o jornalista queira chegar. Por exemplo: se a intenção é dizer que certo time não merecia perder, pode-se recorrer aos números e verificar se ele teve mais posse de bola, mais chances claras de gol. Contraditoriamente, esse mesmo *scout* pode justificar a vitória do adversário, ao apontar uma maior objetividade e precisão. Percebe-se que as estatísticas não conseguem eliminar as polêmicas e tão pouco as possibilidades de manipulações discursivas.

A imprensa esportiva convive lado a lado com a paixão. E, por conseguinte, corre o risco de perder apelo se não transmitir emoção. Mas isso não significa que

ela tenha a liberdade para distorcer os fatos de acordo com as preferências dos profissionais que nela trabalham. Contudo, existe uma situação em que os jornalistas esportivos, em particular os ligados ao futebol, deixam de lado sua suposta isenção e imparcialidade: quando o assunto é a seleção brasileira, e especialmente dentro de uma Copa do Mundo. E isso fica evidenciado de uma maneira mais clara quando se observa as transmissões dos jogos da seleção. O trecho seguinte, transcrito de uma narração de Paulo Stein, quando ele trabalhava na extinta Rede Manchete, é ilustrativo dessa espécie de “parcialidade consentida”.

*Existem momentos que ficam gravados na vida da gente. Ficam na sua lembrança, na sua memória, no seu coração. Imagina a gente, que é tão torcedor quanto você, que é tão emotivo quanto você, que é tão brasileiro quanto você, e que tem ainda a possibilidade de, além de estar no estádio para ver a final, poder falar e gritar “gol” alto...*

Juarez Soares, quando era comentarista do SBT, após uma derrota da seleção, também evidenciou a duplicidade de papel de jornalista e de torcedor nos seguintes termos:

*... há uma tristeza que a torcida brasileira, eu compreendo, tá sofrendo, e nós todos aqui, evidentemente, porque somos jornalistas, né, e ademais de jornalistas somos torcedores da seleção brasileira, há evidentemente a tristeza que a gente entende.*

De quatro em quatro anos, a impressão que se tem é a de que os repórteres, narradores, comentaristas, enfim, todos os profissionais envolvidos com a cobertura do evento estão livres para torcer, mais do que em qualquer outro evento esportivo. Parece até que é dever do jornalista esportivo demonstrar todo o

seu apoio à seleção brasileira. Comenta o jornalista Heródoto Barbeiro, em artigo publicado na revista *Imprensa*:

*Em ano de Copa do Mundo aumenta o nacionalismo chauvinista de narradores e comentaristas (...). Vestem-se de verde e amarelo de manhã até a noite (...) e investem-se no direito de afastar a isenção da cobertura esportiva (...). O que vale é torcer. (...) Só se fala em emoção, Brasil, raça brasileira, gingado nacional e outros nacionalismos "futebolescos" (...). (Imprensa, Junho/1998)*

Entretanto a posição de Barbeiro não é unanimidade. "Na *Copa do Mundo o jornalista não apenas pode, como deve torcer pela seleção*", opina, em entrevista à revista *Imprensa*, o jornalista Milton Neves. Ele conclui seu pensamento citando Armando Nogueira: "*Cronista esportivo que não torce deve mudar de profissão*".

### **3. 2 Interesses mercadológicos**

A interferência de questões mercadológicas dentro do jornalismo é algo que vem ganhando cada vez mais força, e em especial no que diz respeito ao jornalismo esportivo, comprometendo sobremaneira a independência daquilo que é noticiado. A notícia esportiva está muito próxima da publicidade, uma vez que, muitas vezes, cumpre o papel de promover jogos, campeonatos ou até mesmo à imagem de determinados jogadores e agremiações.

Não é raro matérias que exaltem feitos de atletas ou que abordem curiosidades a respeito de determinado clube, muitas vezes sem o menor valor informativo, nada acrescentando ao receptor, apenas fazendo marketing esportivo



com o espaço destinado à informação. Um bom exemplo é o acompanhamento do dia-a-dia dos clubes de futebol no Brasil. Mesmo que não aconteça absolutamente nada de novo em relação ao time, os grandes jornais reservam espaços diários para comentários sobre o cotidiano de clubes e jogadores, mesmo que seja para escrever que nada aconteceu, que está tudo “tranquilo”, ou na pior das hipóteses, para “plantar” uma notícia.

Essa influência mercadológica sobre o jornalismo esportivo nem sempre é notada na superfície do discurso, estando na maioria das vezes, fora dele, nas pautas factuais, na crítica não proferida ou na imagem omitida. Sabedores da força da imprensa muitas vezes dirigentes de clubes e até mesmo jogadores acabam estabelecendo determinado relacionamento com o jornalista que acaba por transformá-lo numa espécie de assessor de imprensa indireto do time. Paulo Vinícius Coelho em seu livro “Jornalismo Esportivo” escreve sobre essa relação delicada entre o repórter setorista, ou seja, aquele que acompanha o dia-a-dia de um clube, e suas fontes:

*Muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional (...). Não é raro ouvi-los elogiar jogadores por conta de uma amizade. (...). Não tem nada a ver com jornalismo. Nada a ver com opinião isenta. Mas isso acontece. E com frequência maior do que se imagina. É o dilema a que chega o jornalista depois de certo tempo. Manter fontes boas, seguras e confiáveis requer relacionamento intenso com a fonte. Exige ligações e investimentos constantes em conversas sobre diversos assuntos. Assim uma informação pipoca aqui, outra, acolá. O que permite à fonte imaginar que pode levar alguma vantagem na história. (COELHO, p. 2003: p. 75).*

Fica evidente muitas vezes a cobertura parcial e tendenciosa a cerca de matérias esportivas em um jornal impresso. Não são apenas sentimentos nacionalistas, paixões por determinado clube e regionalismos que influenciam o

jornalismo esportivo. Os interesses pessoais dos jornalistas e das empresas envolvidas muitas vezes interferem para que as notícias e comentários sobre determinado evento esportivo nem sempre sejam fidedignas, não refletindo de uma forma isenta e objetiva sobre o ocorrido. O resultado é que, de uma maneira geral, o noticiário esportivo atual no Brasil tem se mostrado superficial, e com raras exceções, sem a característica essencial de um órgão da imprensa: a independência.

São produzidas, em sua maioria, matérias sobre resultados ou aspectos pouco relevantes como a vida pessoal dos atletas ou estatísticas que muitas vezes não dizem nada. As justificativas para tal linha de trabalho são muitas e variam desde a rotina de trabalho do jornalista, cada vez mais burocratizado, preso a linhas editoriais até a subestimação do leitor no que diz respeito a sua capacidade de análise e aprofundamento em determinada matéria.

Análises estruturais sobre a situação do esporte no país, reportagens investigativas, enfim, pautas que explorem aspectos sócio-culturais do esporte são cada vez mais raras, ficando restritas a poucos veículos. No geral o que chega até o leitor são matérias evasivas ou promovendo determinado jogador mediano à categoria de craque. Segundo Roberto Assaf, jornalista do Lance! e da Sportv, é normal para quem é do meio ter conhecimento de determinado profissional que tenha ligações escusas com dirigentes de clubes. Há colunistas que escrevem até sobre técnicos de categorias de base, na tentativa de promovê-los: *“Uma vez ligou um rapaz para a redação em que trabalhava e disse que certo jornalista era um safado, porque ele pagara dois mil reais por uma boa nota e o colunista só lhe deu três linhas”*.

Faz necessário estabelecer uma diferença entre jornalismo esportivo e mídia esportiva por mais que esses sejam conceitos similares. O jornalismo é apenas uma parte dentro do todo midiático. Essencialmente, o jornalismo trabalha com notícias, lida com fatos novos e reinterpretações, enquanto que o conceito de mídia reúne ações de marketing, propaganda e outros aspectos da comunicação. De um lado se lida com os fatos ocorridos, enquanto que do outro se procura fazer com que os fatos ocorram.

#### **4. HISTÓRIA DO BOTAFOGO**

A origem do Botafogo de Futebol e Regatas remonta ao ano de 1894, mais precisamente no dia primeiro de julho, quando foi fundado o Club de Regatas Botafogo. O clube ganhou esse nome em homenagem à enseada do bairro onde competiam os seus barcos. A sede do clube era em um casarão, atualmente demolido, no sul da praia de Botafogo, encostado ao morro do pasmado, onde hoje termina a Avenida Pasteur.

Os fundadores do Club de Regatas Botafogo foram: Alberto Lisboa da Cunha, Arnaldo Pereira Braga, Arthur Galvão, Augusto Martins, Carlos de Souza Freire, Eduardo Fonseca, Frederico Lorena, Henrique Jacutinha, João Penaforte, José Maria Dias Braga, Julio Kreisler, Julio Ribas Junior, Luiz Fonseca Quintanilha Jordão, Oscar Lisboa da Cunha e Paulo Ernesto de Azevedo.

Paralelamente ao Club de Regatas Botafogo surgia o Botafogo Football Club. E sua história começa no colégio Alfredo Gomes, em meio a uma aula de Álgebra, num bilhete de Flávio Silva Ramos, um menino de 14 anos, para o seu colega de sala Emmanuel de Almeida Sodré propondo a formação de um time de futebol. No dia 12 de agosto de 1904 os garotos se reuniram num casarão no Largo dos Leões, no bairro de Botafogo. Um dos integrantes da reunião, Itamar Tavares, que havia morado na Itália, sugeriu as cores branco e preta em listras verticais, semelhantes às da Juventus de Turim, para compor a camisa do clube que estava surgindo. E o primeiro nome escolhido pelos garotos para o clube foi Electro Club, visto que os meninos tinham em mente a idéia de cobrar

mensalidade e acharam um talão de um extinto clube com esse nome, que resolveram adotar.

Mas o Electro Club só durou até o dia 18 de setembro, quando foi feita outra reunião na casa da avó de Flávio Ramos, Dona Chiquitota, que se assustou com o nome escolhido pelos garotos e disse a eles que morando no bairro em que moravam não havia outro nome a ser colocado no clube que não fosse Botafogo. Persuadidos pela senhora os meninos mudaram o nome do clube que passou a se chamar Botafogo Football Club.

O primeiro campo do Botafogo foi o próprio Largo dos Leões, com as palmeiras servindo de balizas. Em 1905, os jogos passaram a ser realizados em um campo alugado na Rua Conde de Irajá, mas não havia espaço para as arquibancadas. De modo que em 1906 foi alugado um novo campo na Rua Real Grandeza, também em Botafogo. O primeiro amistoso e a primeira vitória aconteceram no dia 2 de outubro de 1904, contra o Football and Athletic Club, na Tijuca. A equipe da Zona Sul venceu o confronto por três a zero. Em 1906, o clube participou do primeiro Campeonato Carioca. No ano seguinte terminou a competição empatado com o Fluminense, em uma decisão até hoje polêmica, visto que em 1990 o Tribunal da Federação de Futebol do Rio de Janeiro deu ganho de causa ao Botafogo, mas o Fluminense recorreu e o título permanece até hoje dividido.

Em 1910 o Botafogo era campeão carioca e recebia pela primeira vez o adjetivo de “Glorioso”, pela sua campanha impecável e mais tarde inspirando o

cantor e compositor Lamartine Babo a escrever o hino do clube, não o oficial, mas aquele que ficou imortalizado: “*Botafogo, Botafogo campeão desde 1910...*”.

Em 1912, novamente o clube mudava de sede, desta vez naquela que viria a ser a dos momentos mais gloriosos do clube: General Severiano, onde no ano de 1938 inaugurou seu estádio, com uma vitória de 3 x 2 sobre o Fluminense. Na década de 30, durante a cisão entre amadores e profissionais, o Botafogo conquistou o único tetra entre os clubes que disputam o Campeonato Carioca, tendo sido campeão em 1932, 33, 34 e 35, representado pelas quatro estrelas localizadas acima do escudo do clube no uniforme do time. Nesse período o grande destaque da equipe alvinegra era o centroavante Carvalho Leite.

Em 1942, no dia 8 de dezembro, acontecia a fusão entre o Club de Regatas Botafogo e o Botafogo de Futebol e Regatas. Apesar da afinidade existente entre os clubes antes da união, eles se enfrentavam em algumas modalidades. E foi devido a um fato triste em um desses enfrentamentos que se desencadeou a união dos clubes.

*No dia 11 de junho de 1942 os dois clubes disputavam uma partida de basquete pelo campeonato estadual no Mourisco Mar, sede do Club de Regatas Botafogo. Nesse dia o jogador Albano do Botafogo F. C. chegou atrasado, o jogo já havia começado, mas ele entrou com o jogo em andamento. Durante o intervalo Albano abaixou-se para pegar uma bola e caiu desfalecido, os médicos correram, mas o jogador havia sofrido um ataque fulminante. Depois de confirmado o falecimento do jogador a partida foi interrompida a dez minutos do final, quando o placar marcava CRB 21 x 23 BFC. O corpo de Albano saiu da sede de General Severiano e quando passava em frente ao Mourisco houve uma parada e o então presidente do C.R. Botafogo, Augusto Frederico Schmidt, pronunciou um elogio e terminou com essas palavras: E comunico nesta hora a Albano que a sua última partida resultou numa nítida vitória. O tempo que resta do jogo interrompido, os nossos jogadores não disputarão mais. Todos nós queremos que o jovem lutador desaparecido parta para a grande noite como um vitorioso. E é assim que o saudamos. O então presidente do Botafogo Football Club, Eduardo Góis Trindade, respondeu: “Nas disputas*

*entre os nossos clubes só pode haver um vencedor, o Botafogo!” Schmidt então selou a fusão: “O que mais é preciso para que os nossos clubes sejam um só?”. A partir dessa data, começou o procedimento para a fusão dos clubes. (extraído do site <http://www.botafogonocoracao.com.br>)*

Com a fusão foram feitas apenas três alterações. A bandeira perdeu o escudo das letras entrelaçadas do CRB e ganhou a estrela solitária do Botafogo Football Club, a equipe passou a usar calções pretos e a bandeira ganhou um retângulo preto com uma estrela branca ao alto. Nascia assim o Botafogo de Futebol e Regatas, um dos maiores clubes de futebol de todos os tempos. E com certeza o mais supersticioso. Talvez esse lado místico alvinegro tenha surgido com Carlito Rocha, presidente do clube nos anos 40 e que exigia a presença do cachorro Biriba, pertencente à Macaé, ex-zagueiro do clube, nos jogos do time, porque considerava que o cachorro dava sorte ao clube.

*Ex-zagueiro do clube e alvinegro de coração, a 25 de julho de 1948, Macaé decidiu assistir ao jogo Botafogo x Madureira, em General Severiano, em companhia do Biriba. O cachorro fez um tremendo sucesso nas arquibancadas do velho estádio, até porque Macaé chegou cedo, a ponto de testemunhar a goleada de 10 a 2 que os reservas aplicaram no time do tricolor suburbano. A festa foi ainda mais completa quando o Biriba entrou em campo com a equipe titular, que também goleou o Madureira, desta vez por 6 a 0. A partir daí, o supersticioso Carlito Rocha tomou-se de amores pelo cachorrinho e passou a exigir a presença dele, com Macaé, em todos os compromissos do clube da Estrela Solitária. (PORTO. R. 2005. p. 37)*

O cachorro era tão importante para o Alvinegro que por causa dele, Zizinho, que muitos dizem ter jogado mais que Pelé, não vestiu a camisa do Botafogo. O dirigente alvinegro não fechou o negócio porque lembrara que durante um jogo contra o Flamengo, depois que Biriba havia invadido o campo, o craque tentou chutar o cachorro.

O primeiro título após a fusão veio em 1948, derrotando em General Severiano o lendário “Expresso da Vitória” do Vasco da Gama. Os anos que se seguiram ficaram conhecidos como a fase áurea do time da estrela solitária, especialmente nas décadas de 50 e 60. Diversas conquistas e uma constelação de craques do mais alto nível. O time alvinegro reuniu craques como Garrincha, Heleno de Freitas, Nilton Santos, Didi, Quarentinha, Amarildo, Paulo Valentim e Zagallo, conquistando três Campeonatos Estaduais, sendo convidado frequentemente para excursionar na Europa juntamente com o Santos de Pelé, e servindo de base para a seleção brasileira que conquistou as Copas do Mundo de 1958 na Suécia e de 1962 no Chile.

Em uma dessas excursões em 1955 logo após o fim do Campeonato Carioca de 1954, quando o Botafogo tinha ficado muito mal colocado, os dirigentes alvinegros, recontrataram o técnico Zezé Moreyra, para reformular o departamento de futebol do clube e acertaram uma excursão pela Europa, aonde o time da Estrela Solitária realizaria nada menos que 18 jogos num curto espaço de tempo. O curioso ficou por conta da volta da delegação alvinegra ao Brasil, de navio, durante duas semanas. Há coisas que só acontecem ao Botafogo mesmo.

*Em 1955, depois de vitoriosa excursão à Europa, a delegação do Botafogo voltou ao Brasil de navio, após os jogadores terem visitado o local onde, em 1949, o avião do Torino chocara-se com uma montanha, matando a delegação que retornava de um jogo em Lisboa, pela Copa da Europa. Tomados de pavor, os jogadores pediram ao chefe da delegação, o jornalista Sandro Moreyra, que permitisse a substituição do Constellation da Panair Brasil pelo transatlântico Comte-Grande. Sandro Moreyra percebeu que, caso discordasse, os jogadores não embarcariam. Ocorrida há tantos anos, está é a história do dia em que o Botafogo fez-se ao mar, não para honrar o nome "regatas" que carrega em sua carteira de identidade e CPF. Mas por um profundo medo de avião. (PORTO, R. 2005. p. 77)*



Outra constelação de craques inesquecíveis se iniciou no ano de 1966 e culminou com as conquistas do bi Campeonato Carioca e da Taça Guanabara nos anos de 1967/68 e da Taça Brasil de 1968, consagrando a geração de Jairzinho, Gérson, Paulo César Caju e Roberto Miranda. Ao vice-carioca em 1971, perdido para o Fluminense e ao vice-Brasileiro em 1972, perdido para o Palmeiras, seguiram-se anos de uma profunda decadência financeira e jejum de títulos. Em 1975 a diretoria alvinegra vendeu a sede de General Severiano para saldar dívidas com a Previdência e como resultado deixou seu bairro de origem, sua casa, sua identidade e foi se instalar no subúrbio de Marechal Hermes.

*Com a transação do antigo estádinho de General Severiano, o Botafogo perdeu muito de seu encanto, do seu passado e de sua história. João Saldanha e Sandro Moreyra, jornalistas, críticos e responsáveis por muitas lendas que envolvem o clube, garantiam que muitos sócios, todos veteranos e beneméritos, perderiam a razão de viver. Vendendo General Severiano, em 1975, para pagar dívidas, o Botafogo, vendeu também, boa parte de sua história. Ao preço do metro quadrado da valorizada área onde o clube foi erguido. (PORTO, R. 2005. p. 33)*

Durante quase toda segunda metade da década de 70 e toda década de 80 o Botafogo viu seu prestígio ir diminuindo, seu espaço na mídia reduzido e seus torcedores passaram a ser motivo de piadas, principalmente para os torcedores dos outros três grandes clubes do Rio de Janeiro. É claro que existiram momentos inesquecíveis para o torcedor alvinegro nesse período, como a goleada em cima do Flamengo pelo placar de 6 a 0 em 1972 e que só seria devolvida no ano de 1981. Ou então no ano de 1979 quando com um gol do gaúcho Renato Sá, o Botafogo venceu o Flamengo por 1 a 0, quebrando a invencibilidade da equipe rubro negra e impedindo que ela batesse o recorde de 52 partidas invictas

pertencente ao Botafogo. Mas, tirando esses raros momentos, a equipe alvinegra viveu um período de vacas magras.

Foram 21 anos de sofrimento para o torcedor botafoguense até que no ano de 1989, de forma invicta, o Botafogo quebrando seu jejum de títulos, conquistou o Campeonato Carioca numa decisão antológica no dia 21 de junho, numa vitória de 1 a 0 sobre o Flamengo. Talvez o ápice da superstição alvinegra, pois ocorreram uma série de coincidências: O Botafogo jogando em um dia 21, lutando há 21 anos para conquistar um título, marcando o gol da vitória aos 12 (21 ao contrário) minutos do segundo tempo. O Placar do Maracanã marcava 21 graus de temperatura e Maurício, número 7, recebeu cruzamento de Mazolinha, número 14, e fez o gol. Sete mais 14 somam 21.

No ano seguinte veio o bi Carioca numa final vencida por 1 a 0 sobre o Vasco da Gama. Os anos que se seguiram foram de relativo sucesso para a equipe da estrela solitária. Em 1993 o Alvinegro conquistou seu primeiro título internacional, a Copa Conmebol, derrotando na final o Peñarol nos pênaltis. Em 1995, comandado por Túlio, Gonçalves e Donizete o Botafogo conquistou seu primeiro e único Campeonato Brasileiro, derrotando o Santos, apontado por grande parte da imprensa como grande favorito.

Mas talvez tão importante para o clube quanto a conquista do Campeonato Brasileiro, foi a volta para a antiga sede de General Severiano, resgatando suas origens e, conseqüentemente, sua identidade. No ano seguinte o Botafogo conquistou a Taça Cidade Maravilhosa sob o comando de Marinho Perez. Em 1997, mais uma Taça Guanabara e mais um Carioca outra vez sobre o Vasco. Em

1998, comandados por Túlio, Bebeto e Zé Carlos, a conquista do quarto título do Torneio Rio - São Paulo, num empate em dois gols com o São Paulo no Maracanã. O Glorioso levou o título já que havia vencido por 3 a 2 a equipe paulista na primeira partida das finais no Morumbi. No ano seguinte um dos maiores vexames de sua história. Na grande decisão da Copa do Brasil com um Maracanã lotado por 110 mil botafoguenses, a equipe carioca não conseguiu vencer o Juventude de Caxias do Sul, que havia vencido o primeiro jogo, e deixou escapar o título.

Nos anos que se seguiram o Botafogo só colecionou insucessos e times de baixo nível técnico, culminando com o rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro no ano de 2002. Em 2003, disputando a série B do Campeonato Brasileiro, o Botafogo foi o vice-campeão e conseguiu voltar para a primeira divisão da competição nacional junto com o Palmeiras, que fora campeão. Nos anos de 2004 e 2005 a equipe alvinegra não passou de figurante dentro das competições que disputou. Em 2006, depois de oito anos sem levantar um troféu, a equipe de General Severiano conquistou a Taça Guanabara ao vencer o América na final pelo placar de 3 x 1.

## 5. ENTREVISTAS

Ao longo da pesquisa diversos jornalistas esportivos, das mais variadas mídias: rádio, televisão, impresso e hipermídia; foram entrevistados, por e-mail, por telefone ou pessoalmente, e foram questionados sobre questões fundamentais que envolviam o trabalho, tais como: a possibilidade da existência da imparcialidade dentro do jornalismo esportivo, até que ponto a paixão clubística do profissional de imprensa afeta a produção de sua matéria, e o tema central do trabalho: quais seriam as razões que levariam o Botafogo de Futebol e Regatas a receber um tratamento diferenciado da imprensa esportiva. No caso, com certo desprezo. Nomes como Roberto Sander, do Jornal dos Sports, Mauro Cezar Pereira, da ESPN Brasil, Paulo César Vasconcelos, do Lance! e da Sportv, Washington Rodrigues, da rádio Tupi, Roberta Oliveira, da rádio Panorama, Roberto Porto, da ESPN Brasil, Waldir Luiz, da rádio Nacional e Luis Mendes, da rádio Globo e do Jornal dos Sports, deram sua opinião sobre tais questões.

Roberto Sander foi bastante enfático quando afirmou que considera possível ser imparcial dentro do jornalismo esportivo. Questionado sobre como seria possível a paixão clubística do cronista esportivo não interferir na produção de seu trabalho, Sander novamente foi incisivo: “*Simplesmente sendo profissional*”. Quando questionado se o torcedor do Botafogo tinha fundamento em reclamar do tratamento dispensado ao seu clube e o porquê das notícias relacionadas ao clube de General Severiano, na maioria das vezes, abordarem problemas financeiros ou de falta de estrutura, o jornalista respondeu:

*“Absolutamente não. Acho que as dificuldades do Botafogo ganham na mídia a mesma dimensão das dos outros clubes”.* Contudo se contradisse quando indagado da seguinte maneira: *“A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?”.* Roberto Sander concluiu da seguinte maneira:

*É provável que existam esses três fatores. O torcedor do Flamengo, do Vasco e do Fluminense tem esse mesmo tipo de queixa. O fanatismo (paixão) impede que se olhe para o lado. Só se enxerga o que atinge o objeto de nossa paixão: o clube de coração.*

Mauro Cezar Pereira também é da opinião de que é perfeitamente possível ser imparcial trabalhando no jornalismo esportivo. Quando questionado sobre como seria possível separar a paixão por um determinado clube na hora de fazer um comentário, no momento de redigir um texto, Mauro respondeu da seguinte maneira:

*É nosso trabalho, nossa profissão, o jornalista esportivo tem que saber separar isso como um jornalista que cobre uma eleição ou um escândalo no governo, independentemente de suas idéias políticas. Você pode até gostar e torcer, sem que isso interfira no seu trabalho. Quando um bom médico examina uma mulher bonita ele fica admirando toda aquela beleza ou trata de verificar a saúde da moça?*

Quando perguntado sobre as razões que levam a um tratamento demasiadamente crítico por parte da imprensa para com o Botafogo, o jornalista se justificou da seguinte maneira:

*O Botafogo foi muito criticado nos últimos anos. Vejamos: não é campeão há quase 9 anos, caiu para a segunda divisão e escapou graças a decisões dos tribunais, caiu de novo, subiu e não despencou mais uma vez por milagre. Finalmente em 2005 fez uma campanha digna. Há o que elogiar? Creio que raramente.*

Quando questionado sobre o fato de a maioria das notícias sobre o alvinegro relatarem crises internas, problemas financeiros e estruturais, o comentarista da ESPN Brasil disse que a repercussão de crises é muito maior quando ocorre com os times mais populares como Flamengo e Corinthians. Por fim, justificou da seguinte maneira sobre a sensação dos torcedores alvinegros de que o time da Estrela Solitária não é prestigiado como deveria pela imprensa: *“Jornalistas bairristas e desinformados podem até agir assim. Motivo: são bairristas e desinformados”*.

Paulo César Vasconcelos não só afirmou que é possível ser imparcial no jornalismo esportivo como é necessário para um desempenho satisfatório por parte do profissional. Mas admitiu que muitas vezes o cronista esportivo comete alguns equívocos, assim como qualquer jornalista de um modo geral. Questionado sobre como separar paixão clubística e profissão Paulo César foi contundente: *“Simplesmente sendo profissional. Nada mais do que isso. O jornalista esportivo não é um torcedor e tem que saber isso o tempo inteiro”*. Sobre as reclamações feitas por parte de muitos torcedores alvinegros em relação à cobertura da imprensa Paulo César acredita que esse é um fenômeno que acontece com todas as torcidas, que sempre acham que seu clube está sendo desfavorecido por parte da mídia. Indagado sobre as constantes matérias ressaltando problemas no Alvinegro, o jornalista disse não concordar que as dificuldades do Botafogo sejam superestimadas pelos jornais. Em relação à impressão de boa parte da torcida botafoguense de que a imprensa não trata o Botafogo como um time grande Paulo

César respondeu: *“Acredito que há um certo exagero. Pela história que construiu o Botafogo é um clube grande, embora passe por um momento de reconstrução”*.

Washington Rodrigues, popularmente conhecido como “O Apolinho” também não concorda que o Botafogo seja desfavorecido no que concerne à cobertura de suas matérias e na forma como a imprensa esportiva trata o clube de General Severiano. O radialista justificou sua afirmativa dizendo que desde muito tempo a maioria dos profissionais ligados à crônica esportiva são botafoguenses, citando os nomes de: João Saldanha, Sandro Moreyra e Oldemário Toguinhó; e atualmente: Luiz Penido, Márcio Guedes e Armando Nogueira. Washington trouxe ainda um dado curioso: *“O Botafogo, isso são números, vende mais jornais quando em alta do que qualquer outro. O espaço do Botafogo quando está bem é sempre destacado. Quando está mal cai a audiência mais do que Flamengo e Vasco, por exemplo”*.

Waldir Luiz em conversa por telefone concordou com o fato de o Botafogo ser menosprezado pela imprensa esportiva e receber um tratamento desfavorecido em relação aos outros três times grandes do Rio de Janeiro. O radialista ressaltou que essa espécie de desdém se deve em razão do período sombrio vivenciado pelo Alvinegro entre 1969 e 1989 quando o time da Estrela Solitária permaneceu por 20 anos sem conquistar um título, além de ter vendido sua sede em General Severiano, zona Sul da cidade e indo se exilar no subúrbio de Marechal Hermes, perdendo sobremaneira muito de sua identidade e se tornando motivo de chacota por parte dos rivais. Waldir disse ainda que o critério utilizado pelos órgãos de imprensa, que reservam um espaço menor ao Botafogo e o tratam como quarta força do estado não é válido, visto que os maiores

institutos de pesquisa do país, entre eles o Ibope, apontam que a torcida botafoguense é maior que a tricolor. E ainda sentencia sobre o fato de o Fluminense receber um maior destaque no jornal “O Globo”: *“Lá o editor de esportes é tricolor”*. Posteriormente foram mandadas outras perguntas por e-mail para o mesmo Waldir Luiz que se mostrou menos radical em suas respostas. Ele afirmou que todo jornalista esportivo tem que ser imparcial ao analisar ou divulgar uma notícia. Questionado sobre a possibilidade de o jornalista separar paixão e razão na construção de uma matéria Waldir se mostrou político: *“O clube do coração é mais cobrado pelo jornalista, mas com o tempo a paixão e a razão serão separadas pelo jornalista”*. Por telefone ele havia dito que um jornalista só escolhe trabalhar com futebol porque antes de tudo ele é apaixonado por um clube. Indagado sobre o fato de os problemas alvinegros serem superestimados pela imprensa, o radialista não titubeou: *“Existe hoje uma nova geração de setoristas de clube que só se preocupam em divulgar matérias ruins e denegrir a imagem do clube”*. Por fim, questionado sobre interferências de diversas ordens sofridas pelos jornalistas esportivos o radialista foi cauteloso: *“Existem vários interesses dentro do jornalismo esportivo, mas eu particularmente nunca presenciei nenhum”*.

Roberta Oliveira afirmou que é muito difícil ser imparcial em algo que é movido pela paixão como o jornalismo esportivo. Mas disse que é possível ser racional e usar a paixão para motivar e atrair o torcedor, não sendo preciso separar razão e paixão: *“Basta usar a paixão para temperar a matéria”*. Roberta disse que está errado o jornalista que subestima a capacidade perceptiva do espectador: *“É estupidez do jornalista achar que quem está do outro lado não*



*percebe a diferença*". Quando indagada se o torcedor botafoguense tem fundamento em reclamar do tratamento destinado pela imprensa ao seu clube, a jornalista foi contundente: *"Como botafoguense e como jornalista, sinto que o foco às vezes não está onde deveria. Às vezes, rusgas sem importâncias e comuns no meio futebolístico ganham uma repercussão gigantesca e caótica no Botafogo"*. E deu como exemplo os métodos utilizados pelo treinador alvinegro durante os treinamentos da equipe como motivo de piada para muitos jornalistas: *"Neste ano, o método do Carlos Alberto para ensinar os jogadores a não ficar com a atenção fixa na bola ganhou manchetes e piadas. Com a vitória na Taça Guanabara, veio o reconhecimento que talvez aquilo fizesse sentido"*. Questionada sobre um maior dimensionamento dos problemas do Botafogo por parte da imprensa a jornalista afirmou:

*De passado glorioso, o Botafogo se perdeu pelo caminho e hoje acostumou a ser tratado como um vira-lata. Para piorar, o torcedor nunca sabe a real situação do clube: já pagou as contas, ainda está devendo, a quem deve, por que deve? Sim, acredito que existe exagero, certa antipatia, preconceito dos jornalistas e falta de respeito com a torcida. Falta também mais infra-estrutura do clube, patrocínio forte e um relacionamento mais estreito entre dirigentes e imprensa, que reflete no que é repassado ao público.*

Por fim, a jornalista respondeu sobre o fato de os torcedores alvinegros sentirem que seu time é desprestigiado pela mídia: *"Existe um preconceito da imprensa, que rotulou a torcida botafoguense de pessimista, pequena e acha que não tem problema se falar o que bem entende"*.

Roberto Porto foi enfático ao dizer que não existe imparcialidade dentro das redações de jornalismo esportivo Segundo ele, só deixa de haver parcialidade dentro do jornalismo esportivo quando acontece um fato extraordinário. E deu

como exemplo a conquista da Taça Guanabara de 2006 pelo Botafogo, quando o jornal “O Globo” teve que estampar em sua capa o capitão alvinegro Scheidt levantando a taça da competição. E questionado sobre até que ponto a paixão clubística interfere na edição de uma matéria, Porto foi ainda mais contundente:

*A paixão clubística interfere sim na edição de uma matéria. Eu acredito que, por exemplo, se fosse o América o campeão os jornais teriam dado muito mais destaque do que como foi com o Botafogo. Porque de uma maneira geral os jornalistas esportivos não gostam do Botafogo.*

Em seguida o jornalista fundamentou sua afirmativa:

*Eu já vivi nas redações: O Globo, Jornal do Brasil, O Dia, Correio da Manhã, Última Hora, e, por exemplo, nas goleadas do Flamengo sobre o Botafogo, 6 x 0 em 1981 e 6 x 1 em 1985, os jornais no dia seguinte eram verdadeiras coisas estrambóticas. (...).E quando o Botafogo fracassava, levava as gargalhadas os adversários, como no Carioca de 71. E os adversários, e estou falando fundamentalmente dos jornalistas torcedores dos outros clubes, aproveitavam esses momentos para gozar o Botafogo”.*

Perguntado se já sofreu algum tipo de policiamento ou interferência por parte de editores ou donos de jornais onde trabalhou, o jornalista respondeu: “Recentemente, antes de eu sair do Jornal dos Sports, quando eu tive que trocar o nome de minha coluna ‘ Preto no Branco’ para ‘ Gol de Letra’ “.

Luis Mendes indagado sobre a existência da imparcialidade na imprensa esportiva afirmou que existe a imparcialidade sim, e usou seu próprio exemplo: “Eu, por exemplo, sou torcedor do Botafogo e do Grêmio. São os meus clubes de coração. E nem por isso eu pendo pra eles quando eu faço os meus comentários”. Mendes fez apenas uma ressalva: “Às vezes eu defendo principalmente o Botafogo em função disso que você está falando. Porque eu acho injusto que se ignore a glória do Botafogo, o que o Botafogo representa para o futebol brasileiro”.

O radialista, conhecido também como “O comentarista da palavra fácil” e colunista

do Jornal dos Sports, mencionou que a imprensa carioca leva em consideração a força popular dos clubes. E que há um escalonamento da importância de cada clube em função do número de torcedores. Sendo assim, a hierarquia segue a seguinte ordem: em primeiro lugar o Flamengo, depois o Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo. Mendes considera injusta a condição de quarta força concedida ao Alvinegro:

*Só que em todas as pesquisas o Fluminense e o Botafogo têm empate técnico. Às vezes o Botafogo tem 15% e o Fluminense tem 14%, às vezes é o contrário. Então a importância que se dá ao Fluminense de ser o terceiro nessa preferência popular não é justa com o Botafogo, que acaba tendo esse tratamento de quarta força e não de terceira força, como ele deveria ter.*

Em seguida o radialista explicou que esse favorecimento a favor do clube das Laranjeiras se deve ao fato de que durante muito tempo o Tricolor foi o grande dominador do futebol do Rio de Janeiro no que diz respeito à força de seus dirigentes: *“O Fluminense é sempre um time, um clube colocado em pedestal”*. Luis Mendes ressaltou que na época em que Garrincha vivia sua fase áurea no Botafogo houve uma campanha dos outros três grandes para impedir que um jogador alvinegro fosse considerado o grande ídolo do futebol nacional. Daí juntou-se os torcedores que não gostavam do Botafogo com os paulistas para fazer de Pelé o maior ídolo nacional. Mendes justificou de um modo curioso o motivo de o Botafogo muitas vezes ser motivo de chacota por parte da imprensa: *“eles são contra aquele time que dava olé neles. Por duas décadas, levavam olé, levavam goleadas. Então eles ficaram com ódio daquele time chato que ganhava sempre do deles. E isso passa de geração para geração”*. Encerrando a conversa o experiente cronista esportivo foi questionado se ele considera que o Botafogo

recebe um tratamento diferente em relação aos outros três grandes do futebol carioca:

*Sim, isso é uma coisa que a gente nota, a gente vê. O Botafogo tem um tratamento diferente, diferenciado pra baixo e não pra cima. Quando o Botafogo está mal, eles fazem gozações que não acabam mais. Eles superestimam as derrotas do Botafogo e o subestimam.*

## **6. ESTUDO DE CASO**

A proposta do trabalho consistiu em analisar comparativamente a cobertura dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, Fluminense, Vasco, Flamengo e Botafogo através do caderno de esportes de dois veículos de mídia impressa: “O Globo” e o “Jornal do Brasil”.

As análises foram feitas em cima de três momentos distintos. O primeiro, de 16 de dezembro a 25 de dezembro de 2005, diz respeito ao período de férias dos clubes, pouco após o final do Campeonato Brasileiro. O segundo momento compreende o intervalo entre 10 e 19 de janeiro, quando os clubes ainda estavam em pré-temporada até as primeiras partidas do primeiro turno do Campeonato Carioca. Por fim, o terceiro período, de 5 a 15 de fevereiro corresponde a semifinal da Taça Guanabara, a qual apenas o Botafogo estava disputando, passando pela conquista do título do primeiro turno pelo Alvinegro até a semana de preparação para a estréia das equipes na Copa do Brasil e na Taça Rio, segundo turno do Campeonato Carioca.

### **6.1 Análise de “O Globo”**

#### *6.1.2 De 16 a 25 de dezembro*

Em sua coluna de 16 de dezembro de 2005, Fernando Calazans de “O Globo” dedicou quase que todo o espaço de sua coluna escrevendo sobre o Fluminense, especificamente sobre a contratação de seu novo treinador, Ivo

Wortmann. Reservou um pequeno espaço para o Flamengo, enquanto que Botafogo e Vasco da Gama foram esquecidos.

Na coluna de Renato Maurício Prado, do mesmo dia e do mesmo jornal, além de notas a respeito da Fórmula 1 e sobre o futebol internacional, foram dedicadas 17 linhas ao Flamengo, 9 ao Fluminense e uma pequena menção feita ao Botafogo, em relação ao lançamento na sede de General Severiano da camisa comemorativa de Paulo César Cajú, um dos maiores ídolos da história do clube.

“O Globo” de 17 de dezembro concedeu um espaço destacado para o Botafogo, em razão do amistoso comemorativo do aniversário de 10 anos do título brasileiro. Mas não trouxe nenhuma notícia em relação ao time atual e sobre possíveis contratações. Diferente dos noticiários de Flamengo, Fluminense e Vasco que trouxeram em suas matérias novidades em relação aos reforços e renovações de contrato de seus jogadores.

Na coluna “Panorama Esportivo” de Antônio Maria Filho e Jorge Luiz Rodrigues do mesmo dia, foram dedicadas 30 linhas para o Flamengo e nenhuma para os outros três grandes.

No dia 18 de dezembro Fernando Calazans reservou metade do espaço de sua coluna para escrever sobre o Flamengo. A outra metade ficou dividida entre Botafogo e arbitragem. O curioso é que nos comentários feitos sobre a equipe alvinegra, o colunista esculachou as quatro novas contratações do clube, concluindo da seguinte forma *“Uma coisa tenho que reconhecer: no meio dessa turma, até o Lúcio Flávio, pode virar craque mesmo”*.

Em “O Globo” do mesmo dia a coluna de Renato Maurício Prado trazia 38 linhas para o Flamengo, 34 linhas para o Fluminense, uma pequena notinha sobre

o Vasco e nada em relação ao Botafogo. Na parte dos noticiários havia uma mínima repercussão em relação ao resultado do amistoso comemorativo do Botafogo e só. Enquanto que para os outros três grandes era reservada uma notinha sobre novidades em relação aos seus times atuais.

“O Globo” de 19 de dezembro trazia uma matéria destacada sobre a contratação do goleiro Diego (ex - Atlético-PR), feita pelo Fluminense com o seguinte título “*Flu impressiona Diego*”, fazendo menção em relação à excelente estrutura do clube das Laranjeiras. Ao Flamengo, Botafogo e Vasco foram destinadas apenas pequenas notas sobre possíveis contratações.

Na terça – feira, 20 de dezembro o destaque do caderno de esportes de “O Globo” foi dado à conquista pela segunda vez consecutiva do título de melhor jogador do mundo à Ronaldinho Gaúcho, concedido pela FIFA. A coluna de Calazans se prendeu a esse tema, enquanto que a de Renato Maurício Prado ocupou-se quase que totalmente para contar histórias engraçadas do futebol mandadas por leitores. Mas não deixou de reservar doze linhas para o Flamengo. Na parte destinada aos noticiários, Flamengo e Fluminense tiveram duas vezes mais espaço que Botafogo e Vasco.

“O Globo” de 21 de dezembro trazia uma reportagem especial a respeito do amistoso que Zico realizaria nesse dia, e que contaria com a presença de Diego Maradona. A matéria apresentava um resgate histórico do Flamengo vitorioso da década de 80, especialmente sobre a importância de Zico para aquela equipe, comparando seu desempenho com a do ídolo argentino na mesma década. Nos noticiários dos clubes, Botafogo, Flamengo e Vasco receberam notinhas enquanto que o espaço destinado ao Fluminense foi maior.

“O Globo” de 22 de dezembro trazia uma ampla matéria sobre o resultado do amistoso organizado por Zico. Na parte referente aos noticiários dos clubes, o Fluminense, mais uma vez, recebeu uma matéria destacada, sobre a contratação do lateral esquerdo Jean, como sendo um grande reforço. O curioso é que quase ninguém se lembra dele. Flamengo e Vasco tiveram apenas notas em relação a reforços e o Botafogo recebeu um espaço menor ainda, aonde se noticiava apenas que o goleiro Max havia renovado contrato por mais dois anos.

“O Globo” de 23 de dezembro trazia como capa de seu caderno de esportes uma ampla matéria sobre o rompimento do presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda com o presidente da Federação Carioca de Futebol, Eduardo Viana. No noticiário dos clubes Flamengo e Fluminense receberam matérias bem maiores que as de Botafogo e Vasco, que ficaram apenas com notinhas.

O interessante da matéria em relação ao Flamengo era o início de seu texto “*O avião do Flamengo começa a decolar para a temporada de 2006*”, numa referência otimista aos quatro reforços anunciados pelo clube, pasmem: Ronaldo Angelim (ex-Fortaleza), Juan (ex-Fluminense), Marabá e Rodrigo ambos rebaixados com o Paysandu no Campeonato Brasileiro de 2005.

Fernando Calazans, em sua coluna, restringiu-se a elogiar a carreira de Zico e a demonstrar sua irritação com aqueles que diminuem o eterno ídolo rubro-negro pela justificativa de que ele não conquistou uma Copa do Mundo. Já a coluna de Renato Prado dedicou 43 linhas para o Flamengo, 36 linhas para o Fluminense, 30 para a briga entre o presidente do Vasco e o da Federação Carioca de Futebol e nenhuma para o time de General Severiano.



Na véspera de Natal o caderno de esportes de “O Globo” trazia matérias destacadas com fotos coloridas noticiando as novas contratações de Flamengo e Fluminense. A matéria sobre o Fluminense, que se referia a chegada do lateral direito Rogério (ex - Sporting de Portugal) começava assim “*O vale encantado do laranjal está em festa*”. Botafogo e Vasco ganharam apenas notinhas sobre reforços e renovações. Na coluna “Panorama Esportivo” o Vasco recebeu trinta linhas enquanto que o Botafogo recebeu apenas treze linhas.

No natal, na capa do caderno de esportes havia uma extensa entrevista com Valdir Espinosa, novo técnico do Flamengo com o sugestivo título: “*Renascimento de uma vocação*”, numa alusão à provável retomada de conquistas de títulos por parte da equipe rubro-negra. Os outros três grandes receberam apenas notinhas sobre o andamento das negociações de seus possíveis reforços.

Em sua coluna, Renato Maurício Prado dedicou metade do espaço para recordar um acontecimento da campanha do título rubro-negro na Libertadores em 1981, 21 linhas para o Fluminense e 22 linhas para o Vasco. O time da estrela solitária mais uma vez foi esquecido.

#### 6.1.2 De 10 a 19 de janeiro

“O Globo” de terça-feira, 10 de janeiro de 2006 reservava como matéria principal da capa do caderno de esportes, uma entrevista com Ronaldo Fenômeno. Abaixo havia uma matéria sobre o Botafogo com o seguinte título: “*Botafogo tem verba de TV penhorada - clube, que enfrenta grave crise financeira, deixa de receber R\$ 2 milhões*”. A matéria começava assim: “*Parece que não há*

*solução para a grave crise financeira do Botafogo.*” No texto da reportagem eram salientados os três meses de salários atrasados, benefícios e premiações dos jogadores, além de um possível motim por parte dos atletas que antecipariam o fim da pré-temporada, realizada em Itu, interior de São Paulo. *“Toda essa crise vem afetando o clube a poucos dias de sua estréia no Campeonato Estadual, competição que o alvinegro não ganha desde 1997”.*

A matéria sobre o Flamengo era bem mais amena, abordando a necessidade dos jogadores entrarem em forma para a disputa do campeonato: *“Balança vira obsessão no Fla e jogadores tentam perder peso”.* No Fluminense, que realizava sua pré-temporada em Juiz de Fora parecia não haver problemas: *“Os reforços continuam a chegar para o Fluminense. Ontem foi a vez do lateral-esquerdo Roger e do volante Ângelo (ambos- ex- Ponte Preta). E não pára por aí: até amanhã o clube deve contar com o apoiador Pedrinho”.* A matéria referente ao Vasco ressaltava a corrida de Romário contra o tempo e em busca dos mil gols na carreira.

Renato Maurício Prado, em sua coluna, apontava o Fluminense como favorito ao título carioca, e reservava 5 linhas para o Flamengo e nenhuma para Botafogo e Vasco.

No dia 11 de janeiro a matéria sobre o Botafogo vinha com o seguinte título: *“Problemas atrapalham início do ano alvinegro – com elenco reduzido e salários atrasados, Botafogo dispensa Artigas por causa de lesão”.* O noticiário alvinegro que enfatizava os salários atrasados e a dispensa do meia uruguaio Artigas recém-contratado, começava assim: *“O ano de 2006 não está começando bem para o Botafogo”,* e continuava:

*O técnico Carlos Roberto está de mãos atadas e só vê os seus problemas se acumularem. Além da notícia envolvendo o meia uruguaio, o treinador está tendo de contornar a insatisfação do grupo com os salários atrasados. A promessa de pagamento feita pela diretoria não se concretizou.*

A matéria não mencionou nenhuma possível contratação por parte do alvinegro.

As matérias dos outros três grandes, longe de apontar problemas, enfatizavam determinados jogadores como possíveis revelações do Campeonato Carioca, como Fellype Gabriel do Flamengo e Fernando do Fluminense, irmão de Carlos Alberto, ex-jogador tricolor e atualmente no Corinthians. Ou no caso do noticiário do Vasco da Gama, era mostrada a quantas andava a contagem regressiva de Romário para chegar ao milésimo gol.

Na edição de 12 de janeiro a matéria de capa do caderno de esportes trazia o meia tricolor Petkovic, que havia chegado da Sérvia, onde passara as férias com sua família, e agora estava pronto para conquistar títulos pelo Fluminense. Na reportagem a respeito do Flamengo o clima mostrado era o melhor possível, com uma foto de três jogadores sorrindo abraçados, respectivamente Diego Souza, Juan e Toró, todos advindos do Fluminense. A matéria enfatizava o ambiente agradável que reinava no clube da Gávea. A cobertura do Vasco salientava a boa pré-temporada que o clube estava realizando na cidade do Rio de Janeiro, diferente dos outros três grandes que preferiram fazer suas preparações fora da cidade do Rio.

A matéria reservada ao Botafogo, além de ser quatro vezes menor que a dos demais, já estabelecia em seu título uma conotação pejorativa: *“Botafogo institui lei da mordança para jogadores”*, referindo-se ao fato de os atletas

alvinegros estarem impedidos de falarem sobre o atraso de seus salários para com a imprensa. *“A diretoria do Botafogo continua sem honrar seus compromissos com os jogadores e o atraso de salários ainda atormenta o grupo. Mesmo assim, os cartolas alvinegros resolveram instituir a lei da mordança entre os atletas”*.

Na véspera do início do Campeonato Carioca, 13 de janeiro, a matéria de capa do caderno de esportes destinava-se à preocupação com a violência entre as torcidas nos estádios e nos seus arredores. Nas matérias sobre os quatro grandes, o Flamengo ganhou um espaço maior (4 colunas), seguido de Vasco (3 colunas) e Botafogo e Fluminense (ambos com 1 coluna). O conteúdo das reportagens era muito semelhante. No Flamengo, o destaque era a aposta nos jogadores oriundos das categorias de base para estreiar bem no Campeonato. No Vasco, a eterna esperança nos gols de Romário para levar para São Januário o caneco do Carioca. No Botafogo, a novidade era o acerto do atacante Dodô para o Campeonato Estadual. E no Fluminense, a espera pela chegada do apoiador Pedrinho para reforçar ainda mais o elenco tricolor.

Na coluna de Renato Maurício Prado foram dedicadas 48 linhas a Romário, ídolo vascaíno e 39 linhas para o Flamengo. Botafogo e Fluminense não foram lembrados pelo colunista.

No sábado, 14 de janeiro, era a estréia do Flamengo no Campeonato Estadual e na capa do caderno de esportes havia uma matéria de meia página na parte superior sobre a equipe rubro-negra, que enfrentaria o Nova Iguaçu, time esse que estrearia na primeira divisão do futebol carioca. A matéria enfatizava a obrigação da vitória por parte do Flamengo. Na parte inferior da mesma página,

uma matéria de duas colunas era destinada ao Vasco, que faria sua estréia no dia seguinte contra o Madureira. A matéria dividia-se entre uma pequena análise do desempenho de Renato Gaúcho como técnico de futebol e de mais dois amistosos marcados pela diretoria para ajudar Romário a chegar a marca de mil gols na carreira.

Fluminense e Botafogo dividiram uma página nesta edição. A matéria referente ao tricolor estava na parte superior e enfatizava que o grande craque do time, Petkovic, estava mais motivado do que nunca para fazer bonito pelo Fluminense, visto que suas chances de disputar a Copa do Mundo pela seleção da Sérvia e Montenegro haviam aumentado consideravelmente. A reportagem ainda trazia uma foto do mais novo contratado do time das Laranjeiras: Pedrinho.

A matéria referente ao alvinegro trazia como destaque a volta do atacante Dodô ao clube de General Severiano, com uma foto do atleta vestido com a camisa botafoguense. A reportagem começava com dois questionamentos curiosos: *“Qual o time com que Dodô mais se identificou no Brasil? Qual foi o maior ídolo do Botafogo nos últimos cinco anos?”* O desfecho da reportagem salientava as dificuldades passadas pelo clube:

*Ontem, o último coletivo da pré-temporada do Botafogo em Itu mostrou ao técnico Carlos Roberto como a temporada será complicada. Com elenco reduzido, e ainda sem Max, Glauber e Marcelinho, que voltaram ao Rio para cuidar de seus contratos, o treinador teve que colocar o terceiro goleiro, Júlio César como atacante do time reserva.*

Na coluna “Panorama Esportivo” foram dedicadas 32 linhas para o Fluminense e nenhuma para os outros três grandes.

Domingo, 15 de janeiro, a reportagem da capa do caderno de esportes de “O Globo” era referente à reabertura do Maracanã, programada para o dia 22 de janeiro com o clássico Botafogo x Vasco. A matéria exaltava o estado da grama do tradicional estádio.

No que concerne às matérias destinadas aos quatro times grandes, a discrepância entre os tamanhos das matérias de Flamengo (30x20 cm), Fluminense (25x25cm) e Vasco (17x25cm) em relação ao tamanho da matéria do Botafogo (40x5cm) era gritante. A data marcava a estréia de Flu, Vasco e Botafogo no Campeonato Estadual, mas apenas os dois primeiros ganharam espaço devido. Enquanto que a matéria sobre o Flamengo trazia o resultado de sua estréia no dia anterior: derrota de 1 a 0 para o Nova Iguaçu. Outro dado curioso foi que enquanto as matérias de Fla, Flu e Vasco se restringiam à questões de ordem técnica e tática e aspectos relativos aos seus jogos, a reportagem sobre o Botafogo, além de informações a respeito de seu jogo de estréia, enfatizava questões referentes a atrasos de salários e outras dificuldades de caráter financeiro, o que não é exclusividade do alvinegro dentro do contexto do futebol carioca: *“Alvinegro, que teve crise na preparação, não brilha desde 97”*. *“O técnico Carlos Roberto teve de conviver com a insatisfação dos jogadores por conta dos salários atrasados durante toda a pré-temporada”*. *“Contando com um elenco limitado tecnicamente, Carlos Roberto tem na defesa um de seus trunfos”*. O desfecho da matéria é emblemático na forma como a imprensa esportiva trata o Botafogo: *“Sem dinheiro o Botafogo vem encontrando dificuldades. Sendo assim é bom o torcedor alvinegro se preparar para fortes emoções no Estadual”*.

Na coluna de Renato Prado foram dedicadas 12 linhas ao Botafogo, especificamente sobre a volta de Dodô e 17 linhas para o Fluminense referentes à contratação de Pedrinho.

“O Globo” de 16 de janeiro trazia em sua capa as vitórias de Fluminense, Botafogo e Vasco em suas estréias pelo Campeonato Carioca. Com a vitória de 3 x 0 diante do Friburguense o time da estrela solitária ganhou uma matéria de meia página, onde era ressaltada a boa atuação da equipe, apesar dos problemas financeiros: *“Harmonia em campo apesar do atraso de salários”*.

A matéria destinada a vitória do Vasco por 3 x 1 sobre o Madureira ganhou mais espaço e mais recursos gráficos que a botafoguense, mas o mais interessante foi o tom otimista da matéria:

*Os mais de oito mil vascaínos que foram a São Januário tiveram um bom motivo para enfrentar o sol forte de ontem à tarde. Vieram que o Vasco, apesar de alguns erros e da natural falta de ritmo do início de temporada, tem hoje um elenco mais competitivo que o de 2005.*

A matéria sobre a goleada tricolor de 4 x 0 sobre a Portuguesa, também estava repleta de otimismo: *“Atual campeão estadual começa a campanha do bi com goleada”*.

A matéria do Flamengo enfatizava a tentativa de manutenção do atacante paraguaio El Tigre Ramirez, e minimizava a derrota na estréia: *“Derrota do time B na estréia não abala o planejamento”*.

No caderno de esportes de 17 de janeiro as matérias destinadas aos quatro grandes foram parecidas, tanto em tamanho como em conteúdo. Enfatizando a preparação das equipes para a rodada do meio de semana e o condicionamento físico dos recém-contratados.

Em sua coluna, Renato Maurício Prado salientou as boas estréias de Fluminense, Vasco e Botafogo. E mesmo escrevendo que só após a terceira rodada poderia fazer algum tipo de prognóstico quanto ao futuro das equipes na competição, se contradisse: “*O Fluminense segue favorito, pois parece ter mesmo, com sobras, o melhor elenco do Rio*”. Foram 16 linhas dedicadas ao Flamengo, 15 para o Fluminense, 14 para o Botafogo e 30 para o Vasco.

Na quarta-feira, 18 de janeiro, começava a segunda rodada do Campeonato Carioca, com jogos de Botafogo, Vasco e Fluminense. Apenas o Flamengo jogaria na quinta-feira. A capa do caderno de esportes trazia meia página destinada ao Fluminense, enfatizando a estréia de Petkovic na competição para comandar o tricolor, na partida que seria realizada a noite contra o Nova Iguaçu.

A matéria sobre o Botafogo enfatizava o espírito que seu técnico, ex-jogador do clube, e, portanto identificado com a história alvinegra, queria transmitir aos seus comandados para continuar vencendo na segunda partida da Taça Guanabara diante do Madureira. A reportagem começava assim: “*Independentemente da qualidade dos jogadores, o Botafogo será sempre grande*”.

A matéria sobre o Flamengo, que só entraria em campo no dia seguinte, restringia-se a enfatizar o acerto para ter em definitivo o atacante paraguaio El tigre Ramirez e uma outra operação para tentar trazer o atacante Luis Fabiano, ex-São Paulo e atualmente no Sevilha da Espanha. No final da matéria havia a informação de que os dirigentes rubro-negros haviam conseguido dinheiro para quitar dois meses de salários atrasados com os jogadores, mas sem nenhuma conotação de desespero.



A novidade no Vasco da Gama era a entrada na justiça de Alex Dias, principal jogador da equipe, contra o clube cruzmaltino, alegando quatro meses de salários e FGTS atrasados. Mas novamente, diferente do que acontece com a cobertura sobre o Botafogo, não havia nada na matéria que desse a entender uma crise no clube por causa dos salários atrasados.

Na edição de 19 de fevereiro novamente o Fluminense ganhava a matéria mais destacada, com meia página na parte superior da capa da seção de esportes. Na noite anterior o tricolor das Laranjeiras havia goleado o Nova Iguaçu por 6 x 0 e a matéria referente a partida era só exaltação para com o Fluminense: *“Um show de bola e de gols. Com exibição de gala o Flu goleou o Nova Iguaçu e lidera isolado seu grupo”*.

Na parte inferior da capa estava a matéria sobre o Flamengo, destacando a sua segunda partida que aconteceria à noite contra a Cabofriense. E querendo arrumar uma justificativa para um possível novo fracasso da equipe, o título da matéria era o seguinte: *“Fla B decide sua sorte em Cabo Frio”*.

A matéria do Vasco trazia a cobertura da vitória de 2 x 1 sobre o Volta Redonda e a manutenção da ação impetrada na justiça por Alex Dias contra o clube.

O Botafogo recebeu o mesmo tipo de cobertura da equipe vascaína. Na matéria, o resultado do jogo: vitória de 2 x 1 sobre o Madureira, com ênfase no condicionamento físico dos atletas. O detalhe curioso desta matéria é que ela não informava que o Botafogo continuava líder sozinho de seu grupo com o resultado.

### 6.1.3 De 5 a 15 de fevereiro

Domingo, 5 de fevereiro era dia de semi-final da Taça Guanabara entre Botafogo x Americano e, não por menos, o alvinegro ganhava matéria de página inteira na capa do caderno de esportes. A reportagem trazia como personagem o técnico e ex-jogador do clube Carlos Roberto. A matéria citava a descrença para com o time de General Severiano que se deu durante toda a fase de pré-temporada e até o término da terceira rodada do primeiro turno: *“Seu time chegou a acreditar que podia trocar o descrédito pela boa fase do dia para a noite”*.

O Americano, adversário do Botafogo, ganhava uma matéria destacada de meia página, onde era enfatizada a constância com a qual o time de Campos vinha chegando nas finais do Campeonato Carioca nos últimos anos, chegando a ser considerado, por muitos, como a quinta força do estado. Flamengo, Fluminense e Vasco, ganharam apenas notinhas, visto que haviam sido eliminados da Taça Guanabara.

Em sua coluna, Renato Maurício Prado dedicava 16 linhas ao Botafogo, e afirmava em relação ao Alvinegro: *“O peso da camisa não lhe garante favoritismo”*. Para o Americano foram destinadas 21 linhas e, como não poderia deixar de esquecer, 13 linhas para o Flamengo.

Na edição do caderno de esportes de 6 de fevereiro o Botafogo que havia conquistado vaga na decisão da Taça Guanabara ao vencer no dia anterior o Americano por 2 x 1, ganhava um amplo destaque, com a capa e quase duas páginas dedicadas à vitória sobre o time de Campos. Contudo, o texto da matéria começava assim:

*O time não fez uma grande partida, mas ainda sim venceu o Americano por 2 x 1, de virada, e se classificou para decidir a Taça Guanabara. Mesmo tendo se vingado da eliminação do ano passado, quase ninguém fez festa. Não havia mesmo muito o que comemorar. O time precisa melhorar bastante se quiser conquistar o título.*

O Flamengo ganhava uma matéria destacada de meia página a respeito da possível contratação do pentacampeão mundial Rivaldo. Vasco e Fluminense ganhavam apenas notinhas. A do tricolor das Laranjeiras começava assim: *“Ninguém imaginava que o Fluminense seria eliminado da Taça Guanabara”*.

Na terça-feira, 7 de fevereiro, a matéria que ocupava a capa da seção de esportes era sobre a vitória do América em cima da Cabofriense, 1 x 1 no tempo regulamentar e 5 x 4 nos pênaltis, conquistando o direito de enfrentar o Botafogo na decisão do primeiro turno. A matéria em relação ao Botafogo tinha Dodô como personagem, enfatizando a carreira do jogador e seu prazer em estar jogando novamente no futebol carioca. A parte destinada ao Flamengo ressaltava a tentativa em contratar o jogador Rivaldo e tinha o mesmo tamanho da matéria do Alvinegro. Fluminense e Vasco ganhavam matérias menores, enfatizando seus treinamentos.

Fernando Calazans voltava de férias e em sua coluna dedicava 60 linhas para o Botafogo, 18 linhas para Flamengo e Vasco e 3 linhas para o Fluminense. Renato Maurício Prado, em sua coluna, diminuía a vitória alvinegra das semifinais: *“Tornou-se inevitável a comparação entre o espetacular São Paulo 4 x 2 Palmeiras e o insosso Botafogo 2 x 1 Americano”*. E ia mais além: *“Se o Botafogo quiser ser campeão, precisará jogar bem mais do que fez no domingo passado. Ou então torcer por mais calor, outra atuação pífia do adversário e um punhado*

*de sorte*". Foram 18 linhas dedicadas ao Alvinegro, 14 ao Tricolor e 12 para o Rubro-negro.

Na semana da decisão da Taça Guanabara, quarta-feira, 8 de fevereiro, o América recebia a matéria de página inteira da capa da seção de esportes. A reportagem ressaltava o renascimento do clube alvi-rubro e trazia uma conotação de tira-teima para a decisão de domingo contra o alvinegro: *"Falavam que o América nadava e morria na praia. Depois o estigma passou para o Botafogo. Domingo é o tira-teima"*.

A matéria sobre o Botafogo trazia novamente o técnico Carlos Roberto como personagem e fazia um resgate histórico da última decisão entre Botafogo x América, na Taça Guanabara de 1967, vencida por 3 x 2 pelo Alvinegro. O atual técnico era cabeça-de-área da equipe. O Flamengo que disputaria um amistoso no Uruguai contra o Peñarol, ganhava destaque semelhante ao do time da Estrela Solitária, com ênfase para o novo reforço do clube, o desconhecido uruguaio, mas já tido como estrela pela imprensa, Peralta. As matérias de Vasco e Fluminense eram menores e se restringiam respectivamente à corrida de Romário em busca dos mil gols e aos treinamentos do tricolor.

Em sua coluna, Fernando Calazans dedicava quase que todas suas linhas para escrever sobre o América: *"A classificação do América para a final é o melhor acontecimento da Taça Guanabara e do noticiário esportivo do Rio neste início de temporada"*.

A edição de quinta-feira, 9 de fevereiro, trazia na capa do caderno de esportes uma matéria de meia página na parte superior sobre os preparativos do time do Botafogo para a decisão, e uma matéria a respeito de Zagallo na parte

inferior, ressaltando sua torcida dividida na final do campeonato, justificando sua ligação com as duas agremiações. O América também ganhava uma matéria de destaque, na qual era salientada a confiança do técnico americano, Jorginho, no título: *“Jorginho pede ao time para já imaginar a volta olímpica”*. Vasco e Fluminense ganhavam matérias de duas colunas que ressaltavam o aprimoramento de suas equipes nos treinamentos para a estréia no segundo turno do Campeonato Carioca. Enquanto que a matéria destinada ao Flamengo possuía quatro colunas e abordava sua derrota frente ao Peñarol por 2 x 1 no amistoso da noite anterior, além da divulgação da desistência na contratação de Rivaldo por parte da diretoria rubro-negra que agora iria em busca do uruguaio Recoba da Inter de Milão.

Na sexta-feira, 10 de fevereiro, antevéspera da decisão da Taça Guanabara, a matéria de capa do caderno de esportes era sobre o Botafogo e mostrava a presença de um grande contingente de torcedores e a visita de ídolos alvinegros do passado no treinamento do time, numa tentativa de resgatar a história do clube. O título da matéria era: *“A mística da camisa alvinegra – torcida comparece e estrelas do passado dão força ao time do Botafogo na decisão”*. O América, novamente, ganhava uma matéria destacada, ressaltando a importância da conquista do título do primeiro turno para atrair novos investimentos e melhorar a infra-estrutura do clube. A matéria a respeito do Flamengo, de três colunas, ainda repercutia a derrota para o Peñarol e um possível acordo de parceria com investidores israelenses. As matérias sobre Fluminense e Vasco tiveram duas colunas cada.

O curioso ficou por conta das colunas de Fernando Calazans e de Renato Maurício Prado. A do primeiro ocupou-se quase que inteiramente para analisar o Flamengo, em especial a atuação do atacante uruguaio Peralta no último amistoso realizado pela equipe rubro-negra. E o colunista ainda reservou um bom espaço para escrever sobre o Vasco. O interessante é que sobre o time da Estrela Solitária, que estava na antevéspera de uma decisão histórica contra o América, Calazans não escreveu nada. De forma semelhante Renato Maurício Prado preencheu as linhas de sua coluna com a decepcionante apresentação do Flamengo no tal amistoso, reservando 48 linhas para o time da Gávea e quatro linhas para o Botafogo.

Na véspera da decisão, 11 de fevereiro, a capa da seção de esportes foi dedicada ao América numa matéria que enfatizava a venda de ingressos e o espírito guerreiro e vencedor da equipe alvi-rubro. O Botafogo recebeu uma matéria de quatro colunas, onde era ressaltado que o alvinegro possuía apenas um jogador oriundo das categorias de base do clube. A matéria lembrava ainda que o *“Clube é o único dos grandes sem título no século XXI”*. A reportagem do Fluminense, do mesmo tamanho da alvinegra, retratava um projeto de restauração e modernização da sede histórica do clube. As novidades do Vasco diziam respeito às contratações do veterano atacante Edílson e do polêmico Valdiran que já tivera três passagens na polícia. A matéria vascaína tinha três colunas, uma a menos que a tricolor e a botafoguense. A reportagem do Flamengo era sucinta, de duas colunas, noticiando as mudanças operadas pelo técnico Valdir Espinosa para o segundo amistoso no Uruguai contra o Nacional de Montevideu, que seria realizado logo mais à noite.

A coluna “Panorama Esportivo” de Antônio Maria Filho e Jorge Luiz Rodrigues mostrava-se explicitamente tendenciosa com 52 linhas destinadas ao América e apenas 13 dedicadas ao Botafogo: *“Ganhe quem ganhar a decisão de amanhã, seja o América campeão ou não, esperamos que seus dirigentes mantenham o clube neste caminho”*.

Domingo, 12 de fevereiro, dia da grande decisão da Taça Guanabara entre Botafogo x América, a matéria da capa da seção de esportes trazia infográficos com informações sobre os finalistas e sobre a história do confronto. A reportagem, intitulada de *“Últimos Românticos”* salientava a ligação de amor existente entre os técnicos finalistas e seus respectivos clubes: *“Poucos profissionais do futebol carioca podem beijar o escudo das camisas que vestem como prova de amor verdadeiro. Jorginho e Carlos Roberto talvez sejam os últimos românticos”*. A cobertura ainda tentava estabelecer um paralelo entre os dois clubes: *“Os títulos se tornaram esporádicos. O Botafogo não é campeão faz sete anos e o América, 24”*. O caderno ainda trazia duas matérias referentes a ídolos dos dois clubes que deram a volta por cima depois de passarem por dificuldades, Robert, pelo América e Paulo César Caju pelo Alvinegro. Ao Flamengo era destinada uma matéria de duas colunas que reverenciava El Tigre Ramirez: *“Há tempos que o Flamengo não tem um artilheiro com a média tão consistente de gols”*. Fluminense e Vasco ganharam apenas notinhas.

A coluna de Calazans se ocupou inteiramente com a decisão da Taça Guanabara remetendo-se a um resgate nostálgico da época de ouro do futebol carioca nos anos 60. Já a coluna de Renato Prado preocupou-se em abordar a

restauração do filme “O Craque” que aborda o futebol paulista, reservando um espaço discreto para a decisão do primeiro turno do Campeonato Estadual.

O caderno de esportes de segunda-feira, 13 de fevereiro, trazia uma ampla cobertura da conquista da quarta Taça Guanabara pelo Alvinegro da Estrela Solitária. Algumas matérias tentavam desmerecer a conquista, dando a entender que o título fora roubado:

*Em vantagem no placar e comandado em campo pelo maestro Válber, o time de Jorginho mandou no jogo e poderia ter feito o segundo aos 21, quando Chrys foi lançado em posição legal na área e derrubado por Max. O Juiz William de Souza Nery absurdamente não deu o pênalti.*

Ou ainda na coluna de Fernando Calazans, que apesar de reconhecer o mérito do Botafogo decretou: “O América foi prejudicado pelo juiz, que não viu, ou fingiu que não viu, um pênalti claríssimo do goleiro Max. Um lance tão cristalino que o mais difícil é alguém não enxergar pênalti nele”.

O América também recebeu ampla cobertura, com ênfase para os seus torcedores: “A torcida que não desiste nunca”. Uma matéria de duas colunas referente a mais uma derrota no Uruguai, desta vez 4 x 3 para o Nacional foi destinada ao Flamengo, enquanto que para Vasco e Fluminense foram dedicadas apenas notinhas.

Na terça-feira, 14 de fevereiro, as matérias relacionadas a Vasco e Fluminense já voltavam a ganhar seu destaque habitual. A primeira trazia a apresentação de Edílson como mais novo reforço vascaíno enquanto que a segunda noticiava que o técnico tricolor finalmente conseguira arrumar a formação ideal do time para a disputa do segundo turno. O Flamengo que, em meio “às férias não programadas” do Campeonato Carioca era o único clube que



continuava recebendo matérias destacadas, vivia um clima de tensão após as derrotas no Uruguai e brigas entre jogadores. Por fim, o Botafogo que ainda estava sob uma atmosfera de ressaca pós-título conquistado, recomeçava a ser alfinetado em suas matérias: *“No rosto de alguns funcionários há mais preocupação que alegria. Os salários estão atrasados desde dezembro”*.

Na coluna de Renato Maurício Prado intitulada: *“Pintou o campeão?”*, o jornalista mantinha o descrédito em relação ao clube de General Severiano:

*O Botafogo conquistou, com justiça, o título da Taça Guanabara (a despeito do erro clamoroso do juiz no pênalti não marcado em Chrys). Mas isso o tornou favorito para o título estadual? A sensação geral é que ainda não. Assim como no início, ainda prossegue a impressão de que o Fluminense possui o elenco mais forte do Rio e tem a obrigação de, no mínimo, chegar à decisão da Taça Rio.*

Um detalhe curioso aconteceu na edição de quarta-feira 15 de fevereiro. Era estréia de Vasco e Botafogo na Copa do Brasil. O espaço reservado ao noticiário para a equipe da Estrela Solitária, o campeão da Taça Guanabara, que enfrentaria o Operário-MS era de uma coluna (13x5cm) enquanto que a matéria que abordava a estréia do Vasco da Gama era de quatro colunas (28x25cm).

## **6.2 Análise de o “Jornal do Brasil”**

### *6.2.1 De 16 a 25 de dezembro*

No caderno de esportes do dia 16 de dezembro de 2005 do Jornal do Brasil, o Botafogo recebeu destaque com uma matéria sobre os quatro reforços

contratados pelo clube: Felipe Saad, Artigas, Jorginho e Lira. Uma matéria com duas colunas. Na mesma página o Fluminense teve uma matéria com uma coluna. O Flamengo recebeu uma matéria com quatro colunas e a matéria sobre o Vasco teve duas colunas.

No dia 17 de dezembro o Fluminense foi agraciado com uma matéria de meia página referente à contratação do goleiro Diego (ex- Atlético –PR), com ares de grande reforço. Vasco e Flamengo ganharam matérias de uma coluna referentes respectivamente à possível volta de Ramon e a estréia de Toró. Ao Botafogo foi destinada uma matéria de duas colunas noticiando o amistoso comemorativo do aniversário de dez anos do título do campeonato brasileiro de 1995, sem nenhuma notinha em relação ao time atual.

Domingo, 18 de dezembro foi um dia atípico no caderno de esportes do JB. O América ganhou a matéria de capa, que abordava um possível ressurgimento do Alvi-rubro como uma equipe de ponta no cenário carioca. Os quatro grandes do Rio receberam apenas pequenas notas sobre reforços e renovações.

No dia 19 de dezembro as matérias de destaque ficaram restritas à conquista do tri-mundial pelo São Paulo e a eleição da FIFA que indicaria Ronaldinho Gaúcho pela segunda vez consecutiva como melhor jogador de futebol do mundo. Os quatro grandes receberam notinhas com o mesmo tamanho sobre possíveis reforços.

No dia 20 de dezembro a repercussão da conquista de Ronaldinho Gaúcho continuou sendo o destaque do caderno de esportes do JB. Os quatro grandes do Rio, novamente, receberam apenas notinhas.

No dia 21 de dezembro os quatro grandes ganharam apenas pequenas notas. Já no dia seguinte a matéria de capa do caderno de esportes do JB foi a contratação do lateral-esquerdo Jean pelo Fluminense. A matéria destacou que o jovem atleta preteriu o Botafogo para poder jogar na equipe das Laranjeiras, embora já tivesse acertado as bases salariais com o Alvinegro. Os outros três grandes receberam matérias menores e com o mesmo tamanho. As matérias referentes ao Vasco e ao Flamengo se restringiram aos reforços, enquanto que a parte dedicada ao Botafogo, além de se referir ao adiamento da apresentação do atacante uruguaio Salgueiro, enfatizava os três meses de salários atrasados no clube.

Na edição de 23 de dezembro foram duas páginas, incluindo a capa, destinadas a passagem conturbada de Maradona pelo Rio de Janeiro. As coberturas dos quatro grandes ficaram restritas à notinhas sobre reforços.

No caderno de esportes da edição conjunta de 24 e 25 de dezembro do JB, foram destinadas pequenas matérias com o mesmo tamanho para os quatro grandes do Rio. O interessante ficou por conta do editorial do caderno:

*Até que os clubes do Rio foram lá bons meninos este ano. Nenhum deles sofreu, em 2005, com o rebaixamento mais do que nas temporadas anteriores. Fluminense, Botafogo e Vasco acabaram com vagas na Copa Sul – Americana. O Flamengo sinaliza com boas novas ao negociar parcerias com grupos estrangeiros que significam pelo menos US\$ 20 milhões ao clube, como o JB antecipou. Agora, os quatro grandes do Rio apresentam seus presentes de natal a seus torcedores. O rubro-negro apresentou na sexta-feira seu pacote de reforços, com destaque para o lateral Juan (ex – Fluminense). O Botafogo foi ao Uruguai para melhorar seu elenco. O Fluminense repatriou, da Holanda, o lateral Jean (ex – Feyenoord) e, de Portugal, o meia Rogério (ex – Sporting). O Vasco, com orçamento do futebol aumentado, manteve o técnico Renato Gaúcho, responsável pela subida de produção do time no Brasileiro.*

### 6.2.2 De 10 a 19 de janeiro

Terça-feira, 10 de janeiro, a seção de esportes do JB deflagrava uma crise no Botafogo. A matéria, intitulada: “*Crise Anunciada*”, trazia à tona os problemas financeiros do Alvinegro e a conseqüente revolta de seus jogadores com o atraso nos salários:

*Os problemas financeiros insistem em prejudicar os planos do Botafogo, e, para agravar a situação, além de perder o volante Jonílson para o Cruzeiro, encontra dificuldades para contratar um atacante e ainda teve penhorada toda a renda à qual tinha direito pelas transmissões dos jogos do Campeonato Carioca. Os cerca de R\$ 2 milhões que receberia da Rede Globo serão usados para o pagamento de uma dívida de 1998. Por isso, fica ainda mais complicada a situação da diretoria, que pretendia pôr em dia todos os atrasados. Os jogadores ameaçam voltar para o Rio caso não recebam pelo menos um mês de salário.*

A matéria do Fluminense dizia respeito à contratação de mais três reforços para o time das Laranjeiras, que fazia pré-temporada em Juiz de Fora: o lateral-direito Rissutt, de 28 anos; o volante Ângelo, 24 (ambos ex-Ponte Preta); e o lateral-esquerdo Roger, 30 (ex-Vissel Kobe, Japão). A matéria sobre o Flamengo ressaltava que o técnico do clube pretendia manter a base do último Campeonato Brasileiro para montar o time para o Carioca. A matéria destinada ao Vasco apresentava o projeto do clube para ajudar o atacante Romário a chegar à marca de mil gols na carreira, com a realização de amistosos.

Quarta-feira, 11 de janeiro, a matéria destinada ao Fluminense mostrava os preparativos da equipe para a estréia no Campeonato Carioca e a improvisação que o técnico Ivo Wortmann teria que fazer na escalação, visto que a maioria dos reforços do clube ainda não estaria em condições no primeiro jogo da equipe. O

noticiário do Vasco trazia o resultado do amistoso vencido pelo time, realizado no dia anterior: 6 a 0 contra o Duque de Caxias. A matéria do Flamengo salientava que o meia Toró, ex-Fluminense seria escalado como titular no time de Valdir Espinosa. Enquanto que a matéria do Botafogo aventava com a possibilidade de um retorno do atacante Dodô ao Clube.

Quinta-feira, 12 de janeiro, uma das matérias da seção de esportes dizia respeito à falta de artilheiros nos grandes clubes cariocas, com exceção de Romário: *“Camisa 9, o mal do século - clubes do Rio, com exceção do Vasco de Romário, sofrem para encontrar goleadores natos”*. A matéria do Flamengo ressaltava a qualidade dos cabeças-de-área da equipe Júnior e Jônatas, e a idéia de Espinosa utilizá-los na equipe: *“O técnico Valdir Espinosa pretende aproveitar a qualidade técnica dos volantes do Flamengo para fazer da saída de bola o diferencial do time”*. A matéria destinada ao Botafogo salientava o clima tenso vivido pelo grupo na pré-temporada, em função do atraso nos salários e a proibição por parte da diretoria de os atletas se expressarem sobre esse assunto com a imprensa: *“Botafogo institui lei da mordaza light – atraso salarial agora é assunto proibido”*. O noticiário vascaíno ressaltava que o grupo lidava bem com as mordomias concedidas a Romário. A matéria do Fluminense, intitulada: *“De bem com a vida”*, mostrava o bom ambiente do clube na pré-temporada em Juiz de Fora, e a chegada de Petkovic, que se mostrava otimista em relação à qualidade do time, à cidade mineira.

Sexta-feira, 13 de janeiro, a matéria destinada ao Flamengo mostrava que o meia Renato não havia acertado sua renovação com a equipe e que por isso

estava voltando para o Corinthians. A matéria do Fluminense anunciava mais um reforço: Pedrinho, ex – Palmeiras. A matéria do Vasco trazia o resultado de mais um amistoso realizado pelo clube para ajudar Romário a chegar ao milésimo gol. A matéria do Botafogo descartava a vinda de Dodô para o clube de General Severiano: *“Atacante exige garantia bancária e sai dos planos”*.

Sábado, 14 de janeiro, começava o Campeonato Carioca. Contrariando o que noticiara no dia anterior, a matéria do Botafogo trazia o acerto de Dodô com o clube: *“Depois de negociar durante quase um mês sua ida para o futebol árabe, Dodô finalmente deu o sim ao Botafogo. Apresentado ontem na sede de General Severiano, o sonhado reforço para o ataque está de volta ao clube após três temporadas”*. A matéria aventava ainda com a possibilidade de o clube contratar mais um atacante, Christian, que estava no São Paulo. A matéria do Fluminense, além de reafirmar a boa estrutura do clube, ressaltava as contratações de seus dois novos reforços: *“Pedrinho e Tuta fazem Flu vibrar”*. Ao Flamengo, que estrearia à tarde contra o Nova Iguaçu pelo Campeonato Estadual, foi destinada uma matéria salientando que o time que estrearia no campeonato seria o reserva, visto que o titular ainda estava na pré-temporada: *“Time B do Flamengo estréia hoje no Campeonato Carioca, contra o Nova Iguaçu. Todos os titulares são formados no clube”*. O noticiário do Vasco trazia os preparativos do time para a estréia no campeonato e um apelo do técnico Renato Gaúcho, afirmando que o apoio da torcida ajudaria o time na primeira partida.

Domingo, 15 de janeiro, a matéria destacada da seção de esportes, intitulada: *“O Rio contra cinco anos de zebras”*, ressaltava que desde 2000 os

quatro grandes não terminavam a competição entre os quatro primeiros. A matéria ainda salientava sobre o clube grande que mais havia decepcionado nesses anos:

*Nos cinco anos de zebras, o Botafogo foi o grande que mais decepcionou. Sua melhor colocação foi o terceiro lugar geral na edição do ano passado. Em 2004, a equipe terminou a competição em quinto, assim como em 2003 e 2001. Em 2002, ano em que os clubes deram prioridade ao Torneio Rio - São Paulo, o Botafogo ficou em quarto na competição estadual.*

Botafogo, Vasco e Fluminense estreariam à tarde no Estadual, e a reportagem teve o seguinte desfecho: “O confronto teoricamente mais simples é o do Fluminense, favorito ao título”. Na matéria sobre a estréia do tricolor na competição havia muito otimismo:

*Renovação na luta pelo bi - sem Petkovic, Arouca, Tuta, Roger, Rogério e Pedrinho, mas cheio de caras novas, o Fluminense dá a largada rumo ao bicampeonato estadual contra a Portuguesa, em Édson Passos, às 16h. Mesmo com o time desfalcado de jogadores importantes na conquista do ano passado, a torcida tricolor está confiante em novo sucesso.*

Ao Botafogo que também estrearia à tarde foi destinada uma matéria que ressaltava as dificuldades do clube:

*Em meio a um início de ano conturbado, o Botafogo estréia hoje no Campeonato Carioca, às 18h10, na Ilha do Governador, contra um adversário que venceu apenas em duas das últimas dez partidas. O Friburguense conseguiu seis vitórias e houve dois empates. E entra em campo com poucas caras novas - o lateral-esquerdo Lira e o meia Lúcio Flávio são os estreantes. O time realizou a pré-temporada em Itu, mas as atenções se concentraram na diretoria, no Rio, às voltas com contratações complicadas e, sobretudo, com a polêmica envolvendo a saída do volante Jonílson, ídolo da torcida que se transferiu para o Cruzeiro. Os dirigentes também não conseguiram quitar a dívida salarial com o elenco.*

A matéria do Vasco que também realizaria sua primeira partida no campeonato à tarde tinha um título otimista: “Romário quer títulos e gols”, e o texto da reportagem começava assim:

*Sem comemorar um título desde 2003, quando venceu o Campeonato Carioca, o Vasco estréia na competição buscando voltar a erguer a taça. E quer despachar logo o Madureira, adversário de hoje, às 16h, em São Januário, para marcar presença como forte concorrente ao título e mostrar que tem no ataque formado por Alex Dias e Romário o ponto alto da equipe.*

A matéria do Flamengo noticiava a derrota da equipe rubro-negra por 1 a 0 diante do Nova Iguaçu, justificando o mau resultado pela escalação de um time reserva: *“Primeiro jogo do ano, um time inteiramente de reservas (até o técnico era substituto), um adversário fraco, num estádio vazio. Não se podia mesmo esperar muito da partida inaugural do Flamengo no Campeonato Estadual”*.

Na segunda-feira, 16 de janeiro, a seção de esportes estampava em sua capa a seguinte manchete: *“Domingo dos Grandes”*, relatando as vitórias de Botafogo, Fluminense e Vasco em suas estréias no Campeonato Carioca conquistadas no dia anterior. O curioso é que a foto da comemoração do time tricolor estava na parte superior da página e era duas vezes maior que a do Vasco e quatro vezes maior que a do Botafogo que vinham logo abaixo. E o texto da manchete seguia assim:

*O Fluminense, atual campeão, goleou a Portuguesa por 4 a 0, confirmando sua condição de principal favorito ao título. O Vasco, em sua casa, superou o Madureira por 3 a 1. Romário, em busca dos mil gols, passou em branco, mas deu passei certo para Alex Dias marcar. O Botafogo superou um rival que tradicionalmente tem complicado sua vida nos últimos Cariocas: fez 3 a 0 sobre o Friburguense.*

A coluna do jornalista Marcos Caetano, assumido tricolor, reservou um pequeno espaço para analisar o campeonato:

*O favorito é o Fluminense, que parece mais forte do que no ano passado, com mais peças de reposição. Mesmo desfalcado, o time passou frente à Portuguesa. O Vasco, com o time titular, também estreou bem, ao contrário dos reservas do Flamengo. O Bota é uma incógnita. Mas ainda é muito cedo para fazer qualquer prognóstico.*



Na terça-feira, 17 de janeiro, a capa da seção de esportes trazia uma matéria que ocupava toda metade superior sobre o Fluminense, especificamente sobre seu mais novo reforço, o meia Pedrinho, ex – Palmeiras. Botafogo, Vasco e Flamengo dividiram a metade inferior da página. A matéria do Alvinegro salientava a preocupação do time para o clássico de domingo contra o Vasco. A matéria da equipe cruzmaltina ressaltava que o veterano meia Ramon estava quase pronto para o clássico. O noticiário do rubro-negro mostrava a quantas andava a renovação do contrato do Paraguaio Ramirez.

Na quarta-feira, 18 de janeiro, Botafogo, Fluminense e Vasco jogariam pela segunda rodada da Taça Guanabara. A capa da seção de esportes ficou dividida entre uma matéria que ressaltava os malefícios de se jogar sob o forte calor das tardes cariocas e uma matéria de cinco colunas sobre o Vasco da Gama, que enfrentaria o Volta Redonda à noite. A matéria sobre o Fluminense que ressaltava sua condição de favorito ao título, trazia os preparativos da equipe tricolor para o jogo contra o Nova Iguaçu, que seria realizado à noite. A matéria tinha quatro colunas e vinha na parte superior da página. O Botafogo, que enfrentaria o Madureira à tarde, recebeu uma matéria de duas colunas, as mesmas da matéria do Flamengo, que só jogaria no dia seguinte. O Noticiário do Rubro-negro era bem otimista em relação às possibilidades do clube contratar o atacante Luís Fabiano, do Sevilha: *“Luís Fabiano, o tiro certo do Flamengo”*.

Na quinta-feira, 19 de janeiro, a matéria de destaque na capa da seção de esportes trazia a vitória botafoguense por 2 a 1 sobre o Madureira na tarde do dia anterior e começava assim:

*Sob um sol escaldante, com os dois times nivelados na correria de um lado para o outro do campo, o Botafogo conseguiu manter a liderança isolada do grupo B da Taça Guanabara ao vencer, de virada, o Madureira, por 2 a 1, ontem à tarde, no caldeirão de Conselheiro Galvão.*

Os resultados das partidas de Fluminense e Vasco não foram registrados, pois o jornal já havia fechado sua edição antes do final de seus jogos, realizados à noite. A matéria vascaína salientava a briga entre Alex Dias, que havia entrado na justiça contra o Vasco. A matéria sobre o Fluminense ressaltava a possibilidade de o clube contar com o atacante Leandro, que havia conseguido sua liberação junto ao Lokomotiv da Rússia. Ao Flamengo que enfrentaria à noite a Cabofriense era destinada uma matéria de três colunas.

### 6.2.3 De 5 a 15 de Fevereiro

Domingo, 5 de fevereiro, era dia de semifinal da Taça Guanabara entre Botafogo e Americano. O time da Estrela Solitária recebeu todo o destaque da capa da seção de esportes. O texto da matéria começava assim:

*Afastado do futebol brasileiro nos últimos anos, o técnico Carlos Roberto não tinha conhecimento da recente supremacia do Americano sobre o Botafogo. O atual técnico alvinegro repele com veemência a insinuação de que o time de Campos tirou do Botafogo a condição de quarta força estadual.*

Fluminense e Vasco, eliminados da taça Guanabara receberam apenas notinhas enquanto que o Flamengo, outro eliminado, recebeu uma pequena

matéria sobre uma possível contratação de Rivaldo: “*Fla reserva a camisa 10 para Rivaldo*”. Outra matéria curiosa dizia respeito a uma pesquisa encomendada pelo JB ao Instituto Brasileiro de Pesquisa Social, IBPS, sobre quem seria o maior jogador das histórias dos Campeonatos Cariocas. Romário ficou em primeiro (27,98%) e Zico em segundo (20,12%). O terceiro mais votado foi Garrincha (4,39%). O curioso é que a maior parte das pessoas ouvidas tinha entre 45 e 59 anos.

Segunda-feira, 6 de fevereiro, o Botafogo era finalista da Taça Guanabara, tendo derrotado de virada o Americano por 2 a 1. E para a equipe de General Severiano eram destinadas duas páginas, com a cobertura da classificação alvinegra. Flamengo, Fluminense e Vasco receberam apenas notinhas. O outro finalista do primeiro turno seria conhecido no jogo da noite entre América e Cabofriense. A equipe alvi-rubra recebeu amplo destaque: “*Rio se veste de vermelho e branco – torcedores dos grandes se unem na torcida aos americanos*”. O curioso é que a coluna de Marcos Caetano não fez nenhuma menção à classificação do Botafogo ou ao jogo do América.

Terça-feira, 7 de fevereiro, a classificação do América não foi mencionada no caderno de esportes visto que a edição do jornal havia sido fechada antes do fim do jogo. A matéria de capa foi destinada ao Fluminense, especificamente à eminente convocação de seu maior ídolo, Petkovic para defender a seleção de Sérvia e Montenegro na Copa da Alemanha. Ao Botafogo, finalista da Taça Guanabara, foi destinada uma matéria de duas colunas enfatizando a importância do lateral-direito Ruy para o bom rendimento da equipe. O Vasco recebeu uma matéria de uma coluna sobre seu novo reforço, Wando, ex – Cruzeiro. Ao

Flamengo foi destinada uma matéria de quatro colunas onde foi ressaltada a opinião de seu presidente, Márcio Braga, sobre a qualidade do time: “*Somos superiores ao Botafogo e ao Vasco e não devemos nada ao Flu*”. A coluna “*Informe Esportivo*”, de Mário Mará destinou notinhas para o Flamengo e para o Fluminense, enquanto que Botafogo e Vasco foram esquecidos.

Na quarta-feira, 8 de fevereiro, as atenções estavam voltadas para os finalistas da Taça Guanabara. Botafogo e América receberam matérias destacadas. A do Alvinegro ressaltava a superstição do clube como arma para a conquista e a do Alvi-Rubro salientava a importância dos veteranos Válber e Robert para a campanha vitoriosa da equipe. O Flamengo, que faria à noite um amistoso contra o Peñarol no Uruguai, também recebeu uma matéria destacada, onde era ressaltada a estréia do atacante Peralta. Fluminense e Vasco receberam apenas notinhas.

Na quinta-feira, 9 de fevereiro, Botafogo e América continuavam recebendo as principais matérias da seção de esportes, embora o primeiro tenha recebido metade de uma página e, o segundo, uma página inteira. O curioso ficou por conta de um paralelo entre o jejum de títulos do Alvinegro, que perdurou de 1968 a 1989 e o do América, que não conquista um título desde 1982. A reportagem fez referência ao gol de Maurício, do Botafogo, na final do Campeonato Carioca de 89, vencida por 1 a 0 contra o Flamengo, quebrando o jejum de títulos da equipe de General Severiano: “*No que depender do histórico neste campeonato, o América dificilmente poderá, como o Botafogo em 1989, se aproveitar de um erro de arbitragem para vencer*”. Ao Flamengo foi destinada uma matéria sobre o

fechamento de uma possível parceria que renderia ao clube US\$ 120 milhões. Fluminense e Vasco receberam apenas notinhas.

Na sexta-feira, 10 de fevereiro, antevéspera da decisão, o Botafogo recebeu a matéria de capa, que mostrava a visita ao treinamento do time, de ídolos do passado, na tentativa de resgatar o espírito vencedor do time. Ao América também foi reservado um espaço considerável, ressaltando sua preparação para a decisão. Flamengo, Fluminense e Vasco receberam apenas notinhas.

Sábado, 11 de fevereiro, véspera da decisão, a matéria de capa da seção de esportes salientava o aumento nas vendas das camisas de Botafogo e América:

*Os torcedores de Vasco, Fla e Flu que não dão o braço a torcer e continuam com as gozações para cima de botafoguenses e americanos, não poderão mais dizer que as camisas dos finalistas da Taça Guanabara cheiram a naftalina. Tudo bem que as equipes não comemoram um título há anos, mas só o fato de chegarem a uma final deu novo ânimo aos torcedores e, principalmente para o comércio de artigos com a marca dos clubes.*

As matérias de Botafogo e América dividiam uma página e ressaltavam a preparação das equipes rumo a decisão. Flamengo, Fluminense e Vasco receberam matérias menores.

Domingo, 12 de fevereiro, dia da final da Taça Guanabara, Botafogo e América receberam o mesmo espaço na seção de esportes. As matérias sempre tentavam estabelecer um paralelo entre os dois clubes. O texto começava assim: *“Quando Botafogo e América acabarem a decisão da Taça Guanabara de hoje, um jejum de títulos será quebrado”*. E ia além, menosprezando a força da torcida

alvinegra: *“Se pensa que os botafoguenses serão maioria, a diretoria do clube se engana. Torcedores de Flamengo, Vasco e Fluminense prometem se unir aos fiéis americanos e fazer dos alvinegros minoria no estádio”*. O caderno de esportes ainda fazia um amplo resgate histórico da final da Taça Guanabara de 1967, realizada entre os dois clubes. Os outros três grandes receberam apenas notinhas. E em sua coluna, Tostão, declarou sua torcida pelo América na grande decisão.

Segunda-feira, 13 de fevereiro, o Botafogo havia conquistado, no dia anterior, a quarta Taça Guanabara de sua história ao vencer na decisão o América pelo placar de 3 a 1. O JB reservou ampla cobertura a conquista alvinegra com um super-pôster e extensas matérias no seu caderno de esportes. Os outros grandes receberam apenas notinhas. Em sua coluna, Marcos Caetano, mesmo tendo dado parabéns ao clube da Estrela Solitária por mais uma conquista, comentou a respeito de um suposto pênalti cometido pelo goleiro do Botafogo quando o placar marcava 1 a 0 para o América: *“Instantes depois, Max, visivelmente inseguro, fez um pênalti bisonho ao dar uma banda num adversário. William Nery, o péssimo árbitro, fingiu que não viu”*.

Terça-feira, 14 de fevereiro, a matéria do Botafogo, que ainda estava sob um clima de euforia pelo título conquistado, deu ênfase a idéia do técnico Carlos Roberto de priorizar a Copa do Brasil em detrimento da Taça Rio. O comandante alvinegro afirmara que sua idéia era colocar um time misto para disputar o segundo turno do Carioca. A matéria do Fluminense dizia respeito à mudança de posicionamento do meia Pedrinho no esquema do técnico Ivo Wortmann, que iria improvisá-lo no ataque ao lado de Cláudio Pitbull na estréia da Taça Rio. A

matéria do Vasco mostrava a chegada de seu mais novo reforço: o veterano Edílson. No Flamengo a novidade era a chegada do parceiro israelense disposto a investir no clube:

*Vigdor quer investir US\$ 120 milhões - Começou ontem oficialmente a esperança rubro-negra de sair da inércia e do sufoco financeiro. O investidor israelense Niv Vigdor, dono da Niroda Corporation, com sede em Miami, esteve ontem na Gávea para apresentar o projeto de parceria para levantar o clube. O empresário está disposto a investir US\$ 120 milhões (quase R\$ 258 milhões). Do montante, US\$ 70 milhões (cerca de R\$ 150 milhões) seriam usados para construir novo estádio na Gávea.*

Quarta-feira, 15 de fevereiro, Botafogo e Vasco faziam suas estréias na Copa do Brasil. O Alvinegro iria enfrentar o Operário – MS e a equipe da Cruz de Malta o Botafogo – PB. Os dois times do Rio receberam matérias semelhantes, ressaltando a preparação de suas equipes para os jogos. Ao Fluminense que só jogaria no final de semana pela primeira rodada da Taça Rio, foi destinada uma matéria que dizia respeito às opções que o técnico tricolor tinha para compor o ataque do time. O noticiário do Flamengo, que só jogaria no final de semana, abordou mais uma vez o interesse do milionário israelense em investir no time.

## 7. CONCLUSÃO

Analisar um tema que envolve paixão sob um prisma racional requer um esforço desmedido. Tentar provar cientificamente aquilo que me parece tão claro e que eu percebo desde quando me entendo por gente não foi uma tarefa tão fácil assim. Os primeiros jornalistas entrevistados, com discursos prontos e padronizados, rechaçaram aquilo que para mim sempre pareceu ser óbvio. Em determinado momento comecei a temer que a minha paixão clubística fosse responsável por um suposto erro cognitivo.

Ao todo foram oito entrevistados. Os cinco primeiros por e-mail, o sexto por telefone e posteriormente por e-mail e os dois últimos pessoalmente. Roberto Sander, do Jornal dos Sports, que abriu a série e apesar de não concordar com o fato de o Botafogo receber um tratamento desfavorecido por parte da imprensa esportiva, se contradisse quando perguntado se tal pensamento era mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade. O jornalista afirmou que os três fatores estavam presentes.

De uma maneira geral, os quatro primeiros entrevistados disseram que todos os torcedores, qualquer que seja o time de sua paixão, sempre acham que seu clube está sendo perseguido ou desprestigiado pela mídia. E, além disso, que a imparcialidade no jornalismo esportivo é perfeitamente possível e que a paixão clubística do jornalista não interfere em seu trabalho.

Ao analisar o caderno de esportes de dois jornais, “O Globo” e o “Jornal do Brasil” em três períodos diferentes, ficou evidente, principalmente com o primeiro, que há uma diferenciação no tratamento destinado a Flamengo, Fluminense,



Vasco e Botafogo. E que a paixão clubística interfere sobremaneira nessa diferenciação, afinal de contas, antes de serem jornalistas, são torcedores.

Na maioria das edições do caderno de esportes de “O Globo” o Fluminense ganhava a manchete, a matéria de capa, e o conteúdo de suas reportagens era sempre otimista. Ao longo da pesquisa obtive a informação de que o editor de esportes do jornal é tricolor de coração. O Flamengo também ganhava um destaque maior, mesmo com o time tendo sido eliminado das fases finais da Taça Guanabara, continuava a receber espaço como se fosse um dos finalistas da competição. E sempre com matérias que aventavam a possibilidade de uma contratação de impacto.

O Vasco é um caso a parte. Nota-se que é desfavorecido em relação aos dois primeiros pela relação de ódio estabelecida entre seu presidente e a crônica esportiva do Rio de Janeiro. Mas apesar disso, as matérias relacionadas ao seu time são sempre otimistas e muitas vezes se sustentam em cima de seu maior ídolo, Romário, que sem dúvida vende jornal.

Quando se observa o tratamento concedido ao Botafogo percebe-se, uma discrepância gigantesca em relação aos outros três grandes. As matérias, de um modo geral, superestimam os problemas financeiros e estruturais do clube, nunca o apontam como um dos favoritos na disputa do campeonato, pelo contrário, sempre é o candidato mais forte a dar vexame na competição, e suas matérias recebem um espaço menor. Só há um momento em que o Botafogo consegue um destaque maior e se torna até manchete de jornal: quando chega a final de um campeonato. Isso parece óbvio, mas os demais clubes não precisam desse bom momento para estampar capas de periódicos.

Fica evidente que a imparcialidade é um mito dentro do jornalismo esportivo, pois através do estudo pude perceber que a paixão por determinado clube interfere tanto na preferência de se colocar esse ou aquele clube em destaque, o que sinaliza que a paixão clubística de editores e jornalistas dos cadernos de esporte é um dos critérios para destacar um clube em detrimento de outro. Outro fator que fica claro é a influência mercadológica na estruturação de um caderno de esportes. O clube de maior torcida, salvo exceções, é contemplado com matérias extensas e otimistas.

Na iminência de entrar nessa área, coloco uma questão: não seria mais interessante o profissional da imprensa esportiva assumir que, de fato, não é possível ser imparcial, pois afinal de contas, o que o motivou a trabalhar nessa área, de um modo geral, foi a paixão? Não seria mais interessante para o jornalista assumir que torce por determinado clube? Negando essa imparcialidade tão difundida é possível que ele consiga ser mais isento.

## 8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ricardo Corrêa de. *Tradição X Inovação: Jornal dos Sports X Lance!*. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2º. Sem. 2003, 119 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

AUGUSTO, Sérgio. Botafogo - *Entre o céu e o inferno*. Coleção Camisa 13. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CAPELLANO, Renata. *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2º. sem. 1999, 99 fls. mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. Coleção Comunicação São Paulo: Contexto. 2003.

COSTA, Márcia Regina. (et.al). *Futebol: Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Identidade Social. *Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, 2002 (Resenha).

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Você, ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol*. Rio de Janeiro: ETC, 2002.

MONTEIRO, Luciana Nascimento. *De olho no Lance!*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem. 1998, 100 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

PORTO, Roberto. *Botafogo – 101 anos de história, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

\_\_\_\_\_. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2001.

Revista Imprensa, nº. 129. São Paulo: Editora Imprensa, junho, 1998.

Site da Web: <http://www.botafogonocoracao.com.br>

Site da Web: <http://www.vestiarialvinegro.com.br>

Site da Web: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

Site da Web: <http://www.comunique-se.com.br>

## 9. ANEXOS

A seguir, as entrevistas realizadas, pessoalmente, com os jornalistas esportivos Roberto Porto e Luis Mendes.

### 9.1 Entrevista com Roberto Porto

Com passagens por diversos jornais cariocas, entre eles, “O Globo”, “Jornal do Brasil”, “Jornal dos Sports”, “Tribuna da Imprensa” e “O Dia” além de já ter sido assessor de imprensa da CBF e comentarista esportivo de rádio e TV. Atualmente é um dos integrantes do programa “Loucos por Futebol” da ESPN Brasil.

**Por que o Botafogo é tratado com desprezo pela imprensa, de uma forma diferenciada em relação a Flamengo, Fluminense e Vasco?**

*É verdade, o Botafogo é um dos clubes mais conhecidos do mundo. E eu te dou um exemplo disso, quando o Beckenbauer esteve aqui pela última vez na ESPN Brasil, e o Botafogo estava na segunda divisão, a única pergunta que ele fez sobre o futebol brasileiro foi: e o Botafogo, aonde é que está? Não fui eu, nem nenhum botafoguense, foi o Beckenbauer: o Botafogo não está na primeira divisão? Aonde é que ele está? Estava na segunda divisão e conseguiu voltar para a primeira. Outra coisa importante é citar o pensamento que você me trouxe do Washington Rodrigues, com quem eu trabalhei na rádio Tupi e na rádio Nacional.*

*Ele disse que o Botafogo vende jornal. Quem vende mais jornal é o Botafogo. O Flamengo vende porque é uma massa, mas o Botafogo também é uma massa e uma paixão e proporcionalmente a sua torcida, e que não são poucos, porque no jogo contra o América nós ocupamos quatro quintos das cadeiras, o Botafogo vende muito jornal.*

**Os noticiários que antecederam a final diziam que a divisão das torcidas iria ficar em 60% de botafoguenses e 40% de americanos e simpatizantes do América...**

*Que 60/40 o que, foi 80% a 20%.*

**Por que a imprensa esportiva desmerece o Botafogo?**

*Desmerece por uma série de razões. Vamos lá: eu contei a você o caso do, não era nem do Botafogo, era do Fluminense, na época da máquina, o Evandro Carlos de Andrade, que já morreu editor chefe de O Globo. O Fluminense era a grande atração do futebol brasileiro, então eu como editor de esporte de o Globo, quase que diariamente... eu tinha um grande repórter que cobria o Fluminense, o Marcelo Rezende, que levava muito a sério a cobertura do clube e sempre me trazia a manchete do dia. E eu me recordo que em certa ocasião, numa segunda-feira, o Flamengo havia apanhado do Náutico ou Santa Cruz de quatro a um e na volta o Luisinho Tombo disse que o Flamengo ainda tinha chances de chegar em primeiro no Campeonato Brasileiro. E a minha manchete foi: Flu aluga um helicóptero. E o Evandro me chamou a atenção dizendo por que eu havia colocado o Fluminense na manchete e o Flamengo numa posição de menor*

*destaque. Então você nota um certo policiamento em relação ao noticiário do Botafogo. Eu só não encontrei esse tipo de policiamento em relação ao Botafogo na época em que eu trabalhei no Jornal do Brasil, na primeira época em que eu trabalhei no JB, quando o Oldemário Toguinhó era o editor de esportes e botafoguense apaixonado. Nós tínhamos lá o Armando Nogueira que era colunista, Sandro Moreira, repórter, e tínhamos ainda o João Saldanha. E o Botafogo ganhava uma dimensão muito grande. É muito importante nós dizermos que esse 20 anos e não 21 em que o Botafogo passou sem conquistar um título, ele perdeu prestígio, perdeu torcida, perdeu espaço nos jornais. Eu mesmo, nessa época estava na Tribuna da Imprensa, estava tão aborrecido com o Botafogo, tão chateado com os resultados do Botafogo, que criei de propósito uma coluna escrita: Clubes Pequenos. E enumerei diversos times e coloquei o Botafogo. Aí o que acontece, o Emil assume, começa a fazer investimentos com o dinheiro do jogo do bicho e compra o Cláudio Adão, o Marinho, o Paulo Criciúma, Mauro Galvão, Maurício, enfim, vários jogadores. O Emil era muito meu amigo, eu gostava muito dele. E ele como diretor de futebol, me disse inclusive que quando comprou o Paulo Criciúma, o Mauro Galvão e o Marinho, eles fizeram uma negociação com o Castor de Andrade, na Cabana da Serra, uma boate que já não existe mais em Jacarepaguá, e foram 700 mil dólares passados numa máquina pra ver se todas as notas em dólares eram autênticas. Evidente que ele levantou o ânimo do Botafogo, o time de 87 já foi outro, o de 88 também e em 89 o time chegou ao título, embora sem uma campanha brilhante, pois só ganhou um clássico, na decisão. Em 90 o time foi campeão com mais autoridade ainda, com um time melhor que o de 89. Em 91 foi eliminado pelo Flamengo numa cabeçada*

do Gaúcho. Em 92 perdeu aquele primeiro jogo da final do Brasileiro de 3 x 0 para o Flamengo.

### **Depois desse jogo o Renato Gaúcho foi comemorar com o Gaúcho...**

*Eu fui ao Mourisco no dia seguinte, o Emil tirou todo mundo da sala e ficou conversando comigo e me perguntou o que ele deveria fazer. Eu disse a ele que deveria afastar o Renato Gaúcho, porque a torcida do Botafogo queria engolir ele. Mas tempos depois eu fiquei sabendo que quem se vendeu naquele jogo foi o Válber e o Renê Playboy. Isso quem me disse foi fonte segura lá de dentro do Botafogo. Em 93 nós fomos campeões da Commebol com aquele time horroroso. Em 95 fomos campeões brasileiros, 96 conquistamos a Taça Cidade Maravilhosa, a Tereza Herrera.*

### **Aquele dia foi engraçado, o Botafogo disputando a final com a camisa do La Coruña...**

*Aquilo aconteceu porque a Juventus se recusou a trocar o uniforme. Aliás a camisa do Botafogo foi inspirada na camisa da Juventus. O Itamar Tavares, um dos fundadores do clube, quando voltou da Europa, trouxe uma camisa da Juventus, o Botafogo achou linda e copiou. Antes a camisa era toda branca. Em 97 ganhamos o Campeonato Carioca, em 98 o Rio - São Paulo. Se o Botafogo prosseguisse nesse diapasão, nessa ascendente, ele talvez recupera-se uma parte da credibilidade. O Botafogo, como disse certa vez o Augusto Frederico Schmidt, botafoguense e que tem um livro chamado "Estrela Solitária" tem uma frase genial: "O Botafogo tem a vocação do erro". É exatamente isso que eu sinto,*



*eu tenho 60 anos de Botafogo, e a primeira vez que eu lembro de ter torcido pelo Botafogo no rádio foi em 1946. O Botafogo venceu o Madureira por 6 x 0 em General Severiano e a cada gol do Botafogo eu dava uma cambalhota na sala.*

### **Fale um pouco sobre o time nas décadas de 30 e 40.**

*Surge um Botafogo com Heleno de Freitas, Otávio Sérgio, Geninho que era um gênio e veio do Cruzeiro, Paraguaio, que veio da fronteira do Paraguai. O Heleno não se dá mais no Botafogo e vai embora pro Boca (Júnior). O Botafogo é campeão carioca sem Heleno.*

### **O Heleno tem realmente um parentesco com o João Saldanha?**

*Sim. O João era muito amigo do Heleno, chegaram a morar juntos no andar superior de uma funerária. Estou te contando isso porque o João me contou. Não sei se é verdade. Ele era o rei da mentira. Era uma pessoa maravilhosa, um cara espetacular, solidário. Eu tive a sorte de trabalhar com ele, com Sandro (Moreira), com Armando Nogueira, Oldemário Toguinhó, Oto Lara Resende, esses todos botafoguenses. Eu tive sorte de conviver com essas pessoas e ouvir suas histórias.*

### **Como você lida com sua paixão pelo Botafogo?**

*O Botafogo é o meu maior amor imaterial. O Botafogo já me levou a loucuras, coisas mais malucas possíveis. Eu sou um cara supersticioso. Quando eu era garoto eu tinha que ir por jogo de binóculo, porque tinha dado certo. Aí teve um jogo contra o Fluminense, eu fui de binóculo, o Botafogo perdeu e eu não quis mais saber desse binóculo.*

**A superstição é uma marca do botafoguense...**

*Parece que sim. Antes de ir para um jogo eu vejo se está tudo no lugar. E torço terrivelmente. Jamais vaiei o Botafogo, jamais vaiei um jogador do Botafogo. Nem os piores, nem os mais horrorosos. Aquela camisa pra mim é uma coisa sagrada. Já sai duas ou três vezes antes do jogo terminar quando eu via que não dava mais para reagir.*

**Nos 6 x 0 do Botafogo em cima do Flamengo e no troco de 81 você estava no Maracanã?**

*Não. Em ambas as ocasiões eu estava trabalhando. Em 72 eu estava no Jornal dos Sports e minha manchete foi: "Foi até covardia". O (José) Trajano era o editor do Jornal dos Sports nessa época e eu que tive a tarefa de fazer a manchete.*

**Quando você trabalhava dentro das redações nesses mais de 40 anos de jornalismo esportivo você sentia algo contra o Botafogo?**

*Sim, senti ontem mesmo. Eu fui levar minha mulher no médico e enquanto esperava ela terminar a consulta, havia umas pessoas conversando e a atendente disse: "O Doutor Rodrigues é uma pessoa ótima, o único defeito é que ele é Botafogo". Eu não tinha nada a ver com a conversa. Isso talvez não seja um defeito. Eu não deixo falarem mal do Botafogo. Eu posso falar mal do Botafogo.*

**No programa “Loucos por Futebol” da ESPN Brasil, do qual você faz parte, você sente um certo tom pejorativo quando o âncora do programa, Marcelo Duarte fala sobre o Botafogo?**

*Não, esses comentários têm mais um caráter cômico, é mais uma brincadeira comigo. O Marcelo e eu temos uma identificação muito grande e isso é mais uma combinação que a gente faz.*

**Qual foi a importância do João Saldanha para o Botafogo?**

*Ele foi o homem que mudou o perfil do Botafogo em 56. O Botafogo foi campeão em 48, em 49 começou a cair, 50,51,52,55, apesar de Garrincha e Nilton Santos..nada. Quando o Botafogo levanta a cabeça e aparecem nos juvenis dois grandes jogadores, goleadores: Dino da Costa e Vinicius, o Botafogo acaba vendendo esses jogadores, aí em 55 o Botafogo não disputou o terceiro turno do Campeonato Carioca. Aí o João Saldanha assumiu em 56 e foi logo comprando o passe do Didi, que havia brigado com o Fluminense, trouxe o Bauer, o Paulo Valentim, de Minas, e montou um time que levantou a moral e em 57 foi campeão.*

**Até que ponto você acha que o período de jejum de título do Botafogo influenciou no menosprezo que ele sofre da imprensa?**

*Se o Botafogo não tivesse ficado 20 anos sem ganhar títulos, em que vendeu jogadores e tivesse crescido com tudo que tinha, com toda estrutura que poderia ter ele teria um respeito maior por parte da mídia. E ele perdeu torcida. Parece mesmo que o Botafogo tem a vocação do erro, e por isso que ele deixa de*

*vender mais jornal do que ele já vende. A sua torcida é apaixonada, é alfabetizada, torcedores ilustres em todos os campos, na literatura, na arte, na pintura, Evandro Lins e Silva, na música, Zeca Pagodinho. A minha mulher que é Flamengo vê semelhanças entre a paixão do Botafogo e a do Flamengo. Ela só acha que o Flamengo é mais apaixonante porque tem mais gente. O botafoguense é apaixonado demais. Você precisava ver no jogo contra o América, que coisa maluca que aconteceu naquele Maracanã.*

**Você viu que a imprensa estava pendendo claramente para o lado do América...**

*É verdade, inclusive na ESPN Brasil no programa “Loucos por Futebol” fizeram aquela caravana com os jornalistas vestidos com camisas do América... Você pode ter certeza que não tivesse o Botafogo os altos e baixos, que sempre apresentou, tem apenas 17 títulos cariocas e 1 brasileiro, 4 Taças Guanabara, o Flamengo tem 17. Tivesse o Botafogo um pouco mais de equilíbrio na sua organização, nos homens que dirigem o clube, como é o Fluminense, que é uma instituição mais organizada, seria mais respeitado.*

**Flamengo e Vasco são mais organizados que o Botafogo?**

*É a mesma bagunça, agora, o Vasco tem a colônia portuguesa e o Flamengo tem aquela imensa torcida que lota qualquer estádio. O Flamengo é um clube brasileiro, não é um clube carioca.*

**Até a década de 70, quando o Botafogo começou a declinar, a maior rivalidade no Rio era entre Botafogo e Flamengo?**

*Sim, e o Botafogo tinha superioridade no número de vitórias. Quando eu fiz a revista "Grandes Clubes Brasileiros" em 72, o Botafogo tinha 10 vitórias a mais no confronto com o Flamengo. Mas depois veio se desmoralizando... acabam-se gerações. Talvez hoje em dia, essas gerações não existiriam com essa exportação para a Europa. Talvez o Botafogo nem tivesse tido o que teve, Manga, Joel, Zé Maria, Ayrton, Rildo, Nilton Santos, Didi, Garrincha, Quarentinha, Amarildo, Zagallo, Paulo Valentim, que é meu ídolo.*

**Quando você trabalhava nesses jornais, sentia algum tipo de policiamento quando ia escrever algo sobre o Botafogo?**

*Agora no Jornal dos Sports, quando eu tive que trocar o nome da minha coluna.*

**Você foi convidado para dar uma palestra sobre Botafogo e Literatura na Academia Brasileira de Letras. Fale um pouco sobre essa ligação...**

*O Botafogo entra na literatura pela porta dos fundos quando Dinorá (jogador alvinegro campeão carioca em 1910), que não tinha nada a ver com a confusão, leva um tiro no pescoço do Euclides da Cunha. Mas existem outros botafoguenses literatos e ilustres: Olavo Bilac, Augusto Frederico Schmidt, Santiago Dantas, Juscelino Kubitschek, estão pensando que o Botafogo é pouca coisa?...E tem hoje o Zeca Pagodinho que canta o hino do clube, dizendo que Botafogo é o clube da malandragem, não tem nada a ver. Então eu acho que o*

*clube teria mais aceitação, mas o que ocorre é que o rigor em relação ao Botafogo ocorre porque o botafoguense, por natureza, é um gozador, ele goza muito os adversários. E como somos em menor número, isso provoca uma rejeição.*

**Até que ponto essa máxima de menor número de torcedores é válida?**

**Por exemplo, o Fluminense tem mais torcida que o Botafogo?**

*Nas redações dos jornais os botafoguenses são minoria. Quando eu trabalhava no jornal “O Dia”, quando a gente não ganhava de ninguém, nós formamos uma torcida organizada dentro do jornal, com quarenta botafoguenses. A lista ficava pregada em um vidro e o nome da torcida era: “Fodia, não fode mais”. Eu era o presidente da torcida, pra você ver que nós botafoguenses sempre provocamos muito. E nós tivemos gloriosos momentos nas partidas contra o Santos. Não fosse o Santos de Pelé, Coutinho, Dorval, Mengálvio, Zito, Mauro, Carlos Alberto, Pepe. Não fosse o Santos naquele período o Botafogo reinaria absoluto no futebol brasileiro com o time que ele tinha: era Manga, Joel, Zé Maria, Nilton Santos e Rildo, Airton, Didi, Garrincha, Amarildo, Quarentinha e Zagallo. O Paulo Valentim foi muito cedo para o Boca Juniores, depois do Sulamericano de 59. E eu fiquei arrasado com a saída dele.*

**Você já sentiu em algum lugar onde você trabalhou um favorecimento para o Botafogo?**

*Em grande parte da imprensa aonde eu trabalhei tinham mais ou menos botafoguenses. Mas o Jornal dos Sports dos últimos tempos, o editor chefe Washington Rope era botafogo, o supervisor Haroldo Habib era botafogo, o chefe*

*de reportagem José Antônio Gerheim, botafoguense, eu, principal colunista, botafoguense. Quer dizer, o jornal puxava bastante pelo Botafogo. E na época do Jornal do Brasil quando o Botafogo disputava jogos fantásticos contra o Santos e o Oldemário arrebatava. Ele era muito puxa saco do Pelé, atrapalhava um pouco. Eu não perdoei esse negócio de ele dizer como o Botafogo jogava (porto se refere a um jogo no Maracanã vencido pelo Santos por 5 x 0, quando Oldemário Toguinhó contou ao técnico do Santos, Lula, de que maneira o Botafogo jogava, facilitando a vida do time da Vila Belmiro). Mas são coisas da vida. Em 62 quando ganhamos de 3 x 0 do Flamengo no Maracanã, ele estava dentro de campo e o Garrincha pulou em cima dele. Tinham 145 mil pessoas nesse dia e eu estava exprimido na arquibancada.*

**No dia seguinte em função da bela atuação de Garrincha, O Globo publicou uma charge do Otelo Caçador com onze garrinchas...**

*É verdade, ele morreu recentemente e sempre escrevia o placar moral do jogo. Nesse dia ele escreveu que o placar moral tinha sido 3 x 3. Quando o Botafogo ganhou do Flamengo de 6 x 0 ele escreveu que o placar moral tinha sido 6 x 6. Ele era uma ótima pessoa para trabalhar, trabalhou comigo no Globo, era chargista. Esses 3 x 0 sobre o Flamengo representou o canto dos cisnes do Garrincha no Botafogo.*

**É até compreensível o espaço maior dado ao Flamengo em função de sua enorme torcida, mas por que o Botafogo tem menos espaço na mídia que o Fluminense?**

*Eu acho que talvez seja porque o Fluminense foi mais campeão.*

**Mas isso não faz do Botafogo menor...**

*Inclusive cada um tem um título brasileiro.*

**E o Botafogo é muito mais reconhecido internacionalmente que o Fluminense...**

*Sem dúvida. O Mercado do Botafogo no exterior nem se compara. Ninguém sabe quem é Fluminense. A camisa do Botafogo era a mais vendida em Londres durante a Copa do Mundo de 98, junto com a da seleção. Então é um clube conhecidíssimo e não jogou muitas vezes na Inglaterra. Hoje, fundamentalmente, no momento em que a vida do Brasil está difícil em termos de investimento, e quando a Lei Pelé nos tornou exportadores de futebol, fica difícil nós formamos um time. Nós não conseguimos segurar o Túlio (volante), o César Prates, o Jonílson. Eu vou te contar uma história: uma vez eu fui entrevistar o Juvenal, campeão carioca de 48, na casa dele em Bangu. Ele é um botafoguense apaixonado. Ele me contou a seguinte história: os jogadores chegaram para os dirigentes, pedir para eles melhorarem as instalações, que estavam meio bagunçadas, a comida, os dormitórios. Aí o dirigente disse: se melhorar vira o Fluminense. Então eu acho que o Botafogo só não tem mais destaque porque ele tem a vocação do erro, como dizia o poeta Augusto Frederico Schmidt.*

**Você acha que existe imparcialidade dentro das redações do jornalismo esportivo?**



*Eu acho que não existe imparcialidade. Só deixa de existir a parcialidade quando acontece um fato extraordinário. Por exemplo, quando o Botafogo conquistou a Taça Guanabara O Globo foi obrigado a colocar uma capa do Scheidt segurando o troféu da taça. A paixão clubística interfere sim na edição de uma matéria. Eu acredito que, por exemplo, se fosse o América o campeão os jornais teriam dado muito mais destaque do que como foi com o Botafogo. Porque de uma maneira geral os jornalistas esportivos não gostam do Botafogo.*

**No que você se fundamenta para afirmar isso?**

*Por que eu já vivi nas redações, O Globo, Jornal do Brasil, O Dia, Correio da Manhã, Última Hora.*

**Mas você se lembra de algum fato que exemplifique sua opinião?**

*Eu me lembro de vários fatos... por exemplo, as goleadas do Flamengo sobre o Botafogo, 6 x 0(81) e 6 x 1(85), os jornais no dia seguinte eram verdadeiras coisas estrambóticas. Porque eu disse a você, o torcedor do Botafogo é um torcedor especial, ele ama o clube e sacaneia o adversário, nem que seja só olhando pra cara do sujeito ele sacaneia o adversário. Porque fundamentalmente num passado razoavelmente próximo, o Botafogo começou a quebrar uma hegemonia. Ele foi campeão carioca de 57, quase foi bi em 58, foi razoavelmente em 59, 60, 61 foi campeão, em 62 foi bi, 63 mais ou menos, 64 campeão do Rio – São Paulo, 67 campeão da Taça Guanabara e Carioca, 68 também. Então, o Botafogo conseguiu títulos diversos por algum tempo. Se ele tivesse mantido esse nível de crescimento durante mais tempo, sem dúvida nenhuma ele teria se*

*afirmado mais. E quando o Botafogo fracassava, levava as gargalhadas os adversários, como no Carioca de 71. E os adversários, e estou falando fundamentalmente dos jornalistas torcedores dos outros clubes, aproveitavam esses momentos para gozar o Botafogo. Por conta desses altos e baixos o Botafogo perdeu a oportunidade e a chance de levantar a cabeça e se transformar numa equipe, num clube realmente vencedor e respeitado e que cada vez mais levasse torcedores ao estádio. Se bem que na decisão da Copa do Brasil em 99, no empate que deu o título ao Juventude, foram mais de 110 mil alvinegros. O Botafogo tem torcida, ele precisa é de estimular seus torcedores. Essa foi minha última coluna no Jornal dos Sports, infelizmente não foi publicada.*

## 9.2 Entrevista com Luis Mendes

Comentarista esportivo da rádio Globo, colunista do Jornal dos Sports e com passagens pela TV Rio, TV Educativa e Rádio Nacional.

**Você acha que existe imparcialidade no jornalismo esportivo ou isso é um mito?**

*Existe a imparcialidade. Eu por exemplo sou torcedor do Botafogo e do Grêmio. São os meus clubes de coração. E nem por isso eu pendo pra eles quando eu faço os meus comentários. Às vezes eu defendo principalmente o Botafogo em função disso que você está falando. Porque eu acho injusto que se ignore a glória do Botafogo, o que o Botafogo representa para o futebol brasileiro. O Botafogo é o clube que mais cedeu jogadores para a seleção brasileira. Então só por aí ele já deveria ter um respeito maior. Mas aqui no Rio de Janeiro eles levam em consideração a força popular dos clubes. Nas emissoras de rádio, por exemplo, se tem o escalonamento da importância de cada clube, em função do número de torcedores. Então primeiro é o Flamengo, que é considerado aquele que tem a maior torcida e realmente tem. Em segundo é o Vasco, em terceiro é o Fluminense e em quarto é o Botafogo. Só que em todas as pesquisas o Fluminense e o Botafogo têm empate técnico. Às vezes o Botafogo tem 15% e o Fluminense tem 14%, às vezes é o contrário. Então a importância que se dá ao Fluminense de ser o terceiro nessa preferência popular não é justa com o Botafogo, que acaba tendo esse tratamento de quarta força e não de terceira força, como ele deveria ter.*

**Por que o Fluminense nunca é desfavorecido no tratamento feito pela imprensa esportiva?**

*O Fluminense é sempre um time, um clube colocado em pedestal. O Fluminense foi o grande dominador do futebol do Rio de Janeiro em termos de força de dirigentes. As tabelas do Campeonato Carioca, logo que eu cheguei ao Rio de Janeiro em 1944, eram feitas dentro do Fluminense. Então eram doze clubes e o Fluminense disputava os seus seis primeiros jogos com os seis pequenos. Enquanto que os outros grandes estavam disputando entre si e nunca com o Fluminense, que ficava pra fazer seus clássicos na segunda parte do turno do campeonato.*

**Então está explicado o porquê de o Fluminense ter 30 títulos cariocas...**

*O Fluminense tem 30 títulos cariocas, mas um deles não vale que é o de 1907. O Botafogo também dão a ele 17 títulos, e ele tem 16, porque aquele de 1907 não vale. Não pode valer porque aquele campeonato não terminou. Aí 80 anos depois o Fluminense queria ser tetra-campeão também, igual ao Botafogo que é o único que tem esse título. Ele investiu no departamento jurídico da CBF ou CBD e argüiu o título de 1907 e deram pra ele. Aí o Botafogo entrou com uma contestação e deram pro Botafogo. Depois fizeram um desempate não no tribunal, mas na federação, que deu o título para os dois. Aí o Fluminense pode dizer que também foi tetra-campeão, mas não foi nem campeão nesse ano de 1907, como também não foi o Botafogo. O Fluminense que dominava a Liga a dissolveu, como*

*se ela fosse sorvete, então não podia haver decisão de um campeonato que não tinha Liga mais. Não houve o campeonato de 1907, morreu. Então não houve campeão nesse ano. Mas como efeito de um resultado da Federação os dois passaram a se considerarem campeões. Então o Botafogo conta 17 títulos e o Fluminense 30. Agora pela média o maior campeão que há no Rio de Janeiro é o Vasco, porque ele começou em 1923, enquanto que o Fluminense começou em 1906 e o Flamengo em 1912.*

**O primeiro Campeonato Carioca disputado pelo Vasco foi na segunda divisão...**

*Sim, ele entrou pela porta da frente. Não foi posto ou imposto. Ele veio das divisões inferiores e entrou em 1923 na primeira porque foi campeão da segunda. Aí foi campeão já em 23 e teve que passar para uma liga inferior em 24 porque o expulsaram porque ele aceitou negros e pobres e o futebol era elitizado. Então os outros chutaram o Vasco alegando que ele não tinha estádio, então ele construiu São Januário, que foi por muitos anos a maior praça de esportes da América da Sul.*

**Até o surgimento do Maracanã?**

*Não. Até surgir o Pacaembu em São Paulo. Depois também surgiu na Argentina o estádio do River Plate, o estádio do San Lorenzo, que são maiores que São Januário.*

**A gente percebe que desde cedo o Fluminense tem essa aura elitizada...**

*O Fluminense é o clube mais respeitado se você for olhar bem. Na imprensa mesmo você sente isso. É muito difícil você controlar suas tendências, quando você está falando ou quando você escreve. Há quem consiga, eu, felizmente, me incluo dentro daqueles que conseguem controlar suas tendências. Eu só não admito quando alguém inventa e fustiga um clube por desonestidade e não é só com o Botafogo, eu defendo outros clubes, como o América, por exemplo, que passou momentos do pão que o diabo amassou, já que dizem que ele é o diabo, então ele passou a comer o pão que ele mesmo fez.*

**Você percebe algum outro motivo para essa marcação da imprensa para com o Botafogo?**

*Durante o período em que o Botafogo dominou tecnicamente o futebol, que foram nos anos 60 e 70, quando ele formou os maiores times do Rio de Janeiro, ele tinha Garrincha, por exemplo, e eles aqui no Rio, o arco-íris, os outros clubes todos fizeram uma espécie de pacto e elegeram o Pelé como o grande jogador deles, tanto que o Pelé dizia que a cidade que mais gostava dele era o Rio. Por causa dos outros que não queriam que o Botafogo tivesse um jogador que fosse ídolo nacional. O próprio Santos achava que aqui no Rio era a casa do Pelé.*

**Você acha então que a imprensa carioca teve grande importância na criação do mito Pelé?**

*Ela ajudou a fazer do Pelé o ídolo que ele é. Em São Paulo, claro. Pelé foi um jogador que apareceu... no campeonato de 1958 ele bateu o recorde de artilharia de Campeonatos Paulistas fazendo 58 gols em um ano. Há que se tirar o chapéu para um jogador que faz isso. Agora o Garrincha tinha uma outra finalidade, ele começou artilheiro, marcou 300 e poucos gols com a camisa do Botafogo e mais alguns com a da Seleção Brasileira. O Garrincha passou a ser o fazedor de artilheiros. Ele vendeu jogadores para o exterior. Aquele Mazola que depois passou a se chamar Altafini na Itália foi vendido para o Milan graças à Garrincha. O Garrincha chegava na linha de fundo e colocava a bola pro cara fazer o gol, e os caras da Itália só queriam quem fizesse o gol. Assim foi com o Dino Sani, que foi do Botafogo e foi vendido pra Itália, Vinícius, Bruno que foram vendidos também para a Itália. Todos os jogadores que o Garrincha projetou dando bolas pra eles fazerem os gols. Então eu acho q se o Pelé tem 1.281 gols, o Garrincha deve ter pelo menos, além dos trezentos e tantos que ele mesmo fez, ele deve ter dado mais de 1.281 gols para os outros fazerem. E eu considero que se o Garrincha não foi melhor do que o Pelé, também não foi inferior. Só que o Pelé teve mais mídia. Juntaram-se os cariocas que não gostavam do Botafogo ou que torciam contra o Botafogo com os paulistas para fazer do Pelé o maior ídolo nacional.*

**Mas em São Paulo não existia essa rivalidades dos outros grandes para não fazerem do Pelé o ídolo que é?**

*Não... em São Paulo eles começaram a se render ao time do Santos. Em 15 anos o Santos ganhou 13 campeonatos. Ele fez seis títulos seguidos, perdeu um e depois ganhou outros sete. Em quinze anos ele perdeu dois títulos, senão ele teria sido decapentacamepeão.*

**Em conversa com o Roberto Porto, ele me disse que se não fosse o Santos o Botafogo teria sido hegemônico nessa época...**

*Eu não chego a concordar com o meu amigo Porto. Porque aqui no Rio o futebol era mais difícil, era mais parelho do que em São Paulo. Lá existia uma distância muito grande do Santos para os outros. E aqui o Botafogo não tinha uma distância tão grande assim, tanto que nesses mesmos 15 anos o Botafogo ganhou sete títulos. Aqui havia coisas que você não pode nem imaginar que no regime profissional acontecessem.*

**Que tipo de coisas?**

*Por exemplo, Vasco e Flamengo decidiram o campeonato de 1944 na Gávea. O Flamengo não quis ir para um estádio maior que seria São Januário, que era o campo do adversário. Ele preferiu decidir um título num estadinho, quer dizer, arrecadar dinheiro pouco importava. O lado profissional da coisa desaparecia em benefício do lado esportivo. Aí o Flamengo foi campeão no campinho deles contra aquele timaço que o Vasco tinha que se chamou o "Expresso da Vitória", que foi vice-campeão nessa decisão com um gol irregular*



*do Flamengo. No ano de 45 o Vasco foi campeão invicto, no ano de 46 ele perdeu por um ponto para quatro clubes: América, Botafogo, Fluminense e Flamengo. Em 47 o Vasco também conquistou o título invicto e em 48 o Botafogo quebrou a seqüência dele decidindo em General Severiano, que também era um estadinho para uma decisão de campeonato do Rio de Janeiro. Em 49 o Vasco voltou a ser campeão invicto.*

### **Por sinal o Heleno de Freitas estava no Vasco...**

*O Heleno jogou algumas partidas, mas criou muitos problemas, pois ele já estava perturbado mentalmente. Inclusive o Flávio Costa uma vez andou atrás dele com um revólver nas mãos.*

### **Por que o Botafogo tendo vestido tantos craques do futebol brasileiro é motivo de chacota na imprensa?**

*Porque eles são contra aquele time que dava olé neles. Por duas décadas, levavam olé, levavam goleadas. Então eles ficaram com ódio daquele time chato que ganhava sempre do deles.*

### **Mas você acha que isso dura até hoje?**

*Perdura, passa de geração para geração. Havia um cara no São Cristóvão chamado Cantuária que lançou uma frase: “percam para todos menos para o Botafogo”. E essa frase passou para os outros. O Botafogo não é assíduo em ganhar títulos, tanto que dos grandes foi o que menos ganhou, mas respeitado por todas as razões. Por exemplo, um jogo ocorrido em 1968, Brasil e Argentina...e a*

*CBD, que hoje é CBF, não quis formar uma seleção nacional, entregou ao Botafogo, que pediu três reforços: um goleiro, que foi o Félix, que era do Fluminense, Nado, ponta pernambucano que jogava no Vasco e mais um do qual não me recordo. E esse time do Botafogo ganhou da seleção da Argentina por 4 x 1 no Maracanã, com o maior olé da história, 52 toques, que culminou com um gol do Jairzinho. Esse time tinha que ser ao mesmo tempo respeitado e odiado pelos adversários. Eu tinha um vizinho que me dizia assim: “enquanto tiver esse demônio desse Garrincha jogando a gente não ganha”. Ele era Flamengo. Realmente, nesse ano em que ele disse isso o Botafogo meteu 3 x 0 no Flamengo na decisão com o Garrincha fazendo e acontecendo.*

**Até que ponto você acha que a paixão clubística interfere na construção de uma matéria?**

*Claro que acontece só que não é uma regra. Há várias personalidades da crônica esportiva que são honestas. Há várias personalidades dignas, que não se deixam influenciar pelo coração. Usam a razão, acima do coração. O profissional que trabalha nessa área tem que policiar sua paixão.*

**Como você vê a interferência nas matérias ocasionada por questões mercadológicas?**

*Isso acontece também. Eu vou te contar uma história... o Jornal dos Sports, segundo me disse o (José Antônio) Gerheim, que é o redator chefe do jornal, ele me contou que a venda do Jornal dos Sports quando o Botafogo ganha é maior do que quando ganham os outros clubes. Os torcedores do Botafogo preferem o*

*Jornal dos Sports. Isso acontece porque o Jornal dos Sports tem uma forma de proceder usando o clássico como atração. Se um dos jogos é Vasco x Botafogo e o outro é Flamengo x Fluminense, se os dois primeiros estiverem somando mais pontos, o Jornal dos Sports dá mais importância a esse jogo do que ao outro. Eles não estabelecem a torcida como parâmetro. Eles estabelecem a importância do jogo em face do andamento da competição. Então isso aí mostra uma independência maior. Em outros jornais... poxa....o Flamengo joga contra o “Arranca-toco”, esse jogo é sempre mais importante do que as partidas dos outros clubes.*

**Eu estou realizando um estudo de “O Globo” em que eu comparo a cobertura destinada aos quatro grandes do Rio e fica clara a preferência por Flamengo e Fluminense. Não sei se um menor destaque ao Vasco se deve ao Eurico Miranda...**

*Depois que o Eurico Miranda bateu de frente com a crônica esportiva... tem dois sujeitos que são realmente odiados dentro da crônica esportiva. Um é o Caixa D água, Doutor Eduardo Viana e o outro é o Eurico Miranda. Então é um negócio muito sério. O Doutor Eduardo Viana é muito sincero, ele não deixa de manifestar seu pensamento. Se ele não gosta de um determinado cronista, ele diz publicamente. Ele tem ódio do Sérgio Noronha, do Fernando Calazans, do Renato Maurício Prado, que são grandes colunistas. São opiniões que pesam. O acusam de desonestidades financeiras, mas até hoje ninguém provou. Eu me lembro que escreviam que quando o Eurico Miranda perdesse a imunidade parlamentar seria preso. Há quanto tempo ele perdeu a imunidade parlamentar e está solto aí,*

*tranqüilo. A gente não vai dizer que não sejam verdadeiras as acusações feitas a esses dirigentes, só que até hoje ninguém provou nada. E nem puniram coisa nenhuma. O Eduardo Viana ficou fora da Federação durante um tempo, mas como não encontraram nada que pudesse incriminá-lo, ele voltou. Outra acusação que fazem a ele é que ele protege o Americano, mas isso não seria diferente daquilo que muitos cronistas esportivos fazem em relação ao seu clube de coração. Muitos jornalistas protegem o clube do seu coração.*

**Eu estava conversando com o Waldir Luiz, radialista da Rádio Nacional, e ele me disse que devido ao fato de o editor de esportes de O Globo ser tricolor as matérias sobre o Fluminense são sempre destacadas.**

*As matérias do Fluminense são mais envernizadas.*

**E as matérias do Botafogo, mesmo tendo conquistado a Taça Guanabara, recebem um tom pejorativo: "Botafogo é campeão, mas não tem motivos para sorrir". Sempre enfatizado os salários atrasados.**

*Todos os clubes estão com os salários atrasados, mas parece que só o Botafogo que está devendo. Por isso é que eu muitas vezes o defendo, participando do programa "Enquanto a bola não rola". Os meus colegas falam: "mas o Botafogo está devendo". Mas quem é que não está devendo?*

**De onde vem esse estigma do Botafogo como time sem estrutura, time da baderna?**

*O Botafogo foi sempre um time guerrilheiro. Quando foi implantado o profissionalismo em 1933, o Fluminense e o Flamengo lideraram, aliás, foi o presidente do Fluminense então era o Eduardo Guinle, ele liderou o movimento para se profissionalizar o futebol. Mas já era praticamente profissionalizado, os jogadores recebiam prêmios por vitórias. Tinham os seus apartamentos pago pelo clube, alimentação paga pelo clube. E o Botafogo quis manter esse estado de coisas. E liderou. No primeiro ano o Vasco, o Bangu, Fluminense, Flamengo e o América foram para o outro lado, chamada Liga Carioca de Futebol e virou liga pirata. O Botafogo ficou filiado a chamada Federação Metropolitana de Futebol, que era filiada à CBD, e essa filiada a FIFA. A federação que os outros criaram para implantar o profissionalismo, Federação Brasileira de Futebol, FBF, não era filiada a FIFA. Então na hora de formar uma seleção brasileira os jogadores deles não entravam. Se um jogador quisesse disputar uma Copa do Mundo tinha que se inscrever num clube que estava filiado a CBD. E o Botafogo era esse. Então muitas vezes o Botafogo trazia vários jogadores dos outros clubes “piratas”. O próprio Leônidas da Silva entrou no Botafogo dessa forma, para poder jogar na seleção de 34. Depois da Copa ele ficou um ano no Botafogo e depois foi negociado com o Flamengo. Em 1937 que se estabeleceu a paz, América e Vasco se uniram, porque aí o Vasco já estava na entidade em que estava o Botafogo. Até a união a divisão era a seguinte, de um lado Flamengo, Fluminense e o América e do outro Botafogo, Bangu e Vasco.*

**Você acredita que Botafogo x Flamengo é a maior rivalidade do futebol carioca?**

*Na época em que o Botafogo tinha aquele grande time, o Flamengo tinha ódio do Botafogo. Foi o Flamengo que apelidou a torcida do Botafogo de cachorrada e o Botafogo colocou o nome de Urubu no Flamengo. Nessa época era sim a maior rivalidade. Hoje em dia existe, mas nem tanto. Vasco e Flamengo é a rivalidade mais acentuada e a mais romântica é Fla x Flu.*

**Você acha que a imprensa teve um papel importante na diminuição do Botafogo, no período de jejum de títulos?**

*Claro que teve, e eu já te expliquei o porquê disso. O Botafogo deitou e rolou em cima deles durante muito tempo. O Botafogo inventou o olé em cima deles. E quando desse jejum de títulos eles ficavam contando: 1, 2, 3... até 20. Vinte anos e vinte e um campeonatos. Por que em 78 tiveram dois campeonatos. Então o Flamengo foi tricampeão em dois anos, 78 e 79. Mas os jejuns de títulos são da história do Botafogo. O Botafogo foi campeão em 1910, depois em 1912, depois só em 1931. Depois do título de 1935 ele só foi ser campeão em 1948. Depois só em 57. Depois 61, 62, 67 e 68, depois ficou todo esse tempo de 20 anos sem ganhar um título.*

**Você considera essa a maior crise da história do Botafogo?**

*Não, porque ele disputava os títulos. O Botafogo chegou a ser penta vice-campeão. Chegou a somar 5 títulos de vice-campeão com campeões diferentes.*

**Nesse período em que o Botafogo vendeu sua sede de General Severiano e se exilou em Marechal Hermes, você chegou a temer que o clube se torna-se o próximo São Cristóvão, América?**

*Eu não temi não porque eu sabia que a torcida do Botafogo era muito grande. A torcida do Botafogo era enrustida. Hoje ela está mais solta. Eu entrava às vezes em um restaurante e maioria dos garçons era botafoguense. Uma vez eu entrei numa sala da “Light” e os oito habitantes daquela sala eram botafoguenses.*

**Existe a máxima que diz que “Há coisas que só acontecem com o Botafogo”. Você vê algo de peculiar no clube?**

*O Botafogo é o time que mais demora a ganhar um título subsequente. Quando o Vasco estava há nove anos sem ganhar um título o ditado era outro. Quando eu cheguei ao Rio de Janeiro, encontrei o seguinte ditado: “Há coisas que só acontecem ao Vasco e ao Botafogo”. Depois passou a não acontecer mais ao Vasco só com o Botafogo. E essa frase cresceu e quem mais a divulgou, embora a contragosto, foi eu. Por exemplo, na final do supercampeonato de 46, entre Botafogo x Fluminense, o jogador do Botafogo que estava marcando o Ademir, do Fluminense, saiu de campo pra trocar as chuteiras, nessa hora o jogador tricolor fez o gol. Foi um a zero para o Fluminense, que foi campeão. Aquele gol de 71 do Lula (decisão do Campeonato Carioca entre Botafogo e Fluminense). Houve uma falta em cima do goleiro do Botafogo (Ubirajara) e o árbitro fingiu que não viu. Na hora de terminar o jogo ele ficou próximo ao túnel central e saiu correndo. São coisas que efetivamente só acontecem ao Botafogo.*

**Pra encerrar nossa conversa, você percebe uma diferença no tratamento destinado ao Botafogo em relação ao Flamengo, Fluminense e Vasco na imprensa esportiva?**

*Sim, isso é uma coisa que a gente nota, a gente vê. O Botafogo tem um tratamento diferente, diferenciado pra baixo e não pra cima. Quando o Botafogo está mal eles fazem gozações que não acabam mais. Eles superestimam as derrotas do Botafogo e o subestimam. Ontem mesmo o Dodô fez um golaço (Luis Mendes se refere ao gol do atacante botafoguense no empate em 1 x 1 com a Cabofriense pela Taça Rio), se não sou eu quem fala... se fosse do Pet (Fluminense) ou do El Tigre (Flamengo) seria o gol do ano.*

### **9.3 Entrevistas realizadas por e-mail**

Segue abaixo as entrevistas realizadas por e-mail com Roberto Sander, Mauro Cezar Pereira, Paulo César Vasconcellos, Washington Rodrigues, Waldir Luiz e Roberta Oliveira.

Segue abaixo entrevista por e-mail realizada com Roberto Sander, jornalista e colunista do Jornal dos Sports.

**Você considera possível a imparcialidade dentro do jornalismo esportivo?**

*Claro que sim.*



**Futebol é paixão. Como separar a paixão da razão na hora de editar, apresentar, redigir uma matéria do clube do coração e de seus adversários?**

*Simplesmente sendo profissional.*

**O torcedor do Botafogo tem reclamado bastante do tratamento da mídia nos últimos anos. Você acredita que exista fundamento para tal reclamação?**

*Absolutamente não.*

**Por que as dificuldades do Botafogo ganham uma dimensão tão grande, quando outros as vivem, às vezes em grau até maior? Falta assessoria? Má vontade dos dirigentes (fontes)?**

*Acho que as dificuldades do Botafogo ganham na mídia a mesma dimensão das dos outros clubes.*

**A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?**

*É provável que existam esses três fatores. O torcedor do Vasco, do Flamengo e do Fluminense tem o mesmo tipo de queixa. O fanatismo (paixão) impede que se olhe para o lado. Só se enxerga o que atinge o objeto de nossa paixão: o clube de coração.*

Segue abaixo entrevista realizada por e-mail com Mauro Cezar Pereira, jornalista e comentarista da ESPN Brasil.

**Você considera possível a imparcialidade dentro do jornalismo esportivo?**

*Sim, é claro. Por que não seria possível?*

**Futebol é paixão. Como separar a paixão da razão na hora de editar, apresentar, redigir uma matéria do clube do coração e de seus adversários?**

*É nosso trabalho, nossa profissão, o jornalista esportivo tem que saber separar isso como um jornalista que cobre uma eleição ou um escândalo no governo, independentemente de suas idéias políticas. Você pode até gostar e torcer, sem que isso interfira no seu trabalho. Quando um bom médico examina uma mulher bonita ele fica admirando toda aquela beleza ou trata de verificar a saúde da moça?*

**O torcedor do Botafogo tem reclamado bastante do tratamento da mídia nos últimos anos. Você acredita que exista fundamento para tal reclamação?**

*O Botafogo foi muito criticado nos últimos anos. Vejamos: não é campeão há quase 9 anos, caiu para a segunda divisão e escapou graças a decisões dos tribunais, caiu de novo, subiu e não despencou mais uma vez por milagre. Finalmente em 2005 fez uma campanha digna. Há o que elogiar? Creio que raramente.*

**Por que as dificuldades do Botafogo ganham uma dimensão tão grande, quando outros as vivem, às vezes em grau até maior? Falta assessoria? Má vontade dos dirigentes (fontes)?**

*Não vejo assim, acho que os times mais populares, como Flamengo e Corinthians, repercutem muito mais quando ocorre uma crise. Também não compreendo esse seu foco específico no Botafogo.*

**A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?**

*Gente bairrista e desinformada pode até agir assim. Motivo: são bairristas e desinformados.*

Segue abaixo entrevista realizada por e-mail com Paulo César Vasconcellos, jornalista do Lance! e do Sportv.

**Você considera possível a imparcialidade dentro do jornalismo esportivo?**

*Ela é necessária o tempo inteiro. Muitas vezes, não apenas no jornalismo esportivo, o profissional pode cometer alguns equívocos, mas é perfeitamente possível ser imparcial.*

**Futebol é paixão. Como separar a paixão da razão na hora de editar, apresentar, redigir uma matéria do clube do coração e de seus adversários?**

*Simplemente sendo profissional. Nada mais do que isso. O jornalista esportivo não é um torcedor e tem que saber isso o tempo inteiro.*

**O torcedor do Botafogo tem reclamado bastante do tratamento da mídia nos últimos anos. Você acredita que exista fundamento para tal reclamação?**

*Todo torcedor tem uma reclamação em relação ao que a imprensa faz com o seu clube de coração. Algo que lhe desagrade sempre dá a impressão que é mal intencionado.*

**Por que as dificuldades do Botafogo ganham uma dimensão tão grande, quando outros as vivem, às vezes em grau até maior? Falta assessoria? Má vontade dos dirigentes (fontes)?**

*Não creio que os problemas do Botafogo ganhem mais dimensão que o dos outros.*

**A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?**

*Acredito que há um certo exagero. Pela história que construiu o Botafogo é um clube grande, embora passe por um momento de reconstrução.*

Abaixo a resposta enviada pelo radialista esportivo da rádio Tupi Washington Rodrigues, sobre as cinco perguntas enviadas por e-mail.

*Vou tentar te atender com uma única resposta: Não vejo nenhuma perseguição ao Botafogo na mídia. O jornalismo esportivo tem botafoguenses em maioria desde os tempos de João Saldanha, Sandro Moreira e Oldemário Toguinhó até os dias de hoje com Luiz Penido, Márcio Guedes, Armando Nogueira e tantos outros. O Botafogo, isso são números, vende mais jornais quando em alta do que qualquer outro. O espaço do Botafogo quando está bem é sempre destacado. Quando está mal cai a audiência mais do que Flamengo e Vasco por exemplo.*

Segue abaixo a entrevista realizada por e-mail com Waldir Luiz, radialista esportivo da rádio Nacional.

**Você considera possível a imparcialidade no jornalismo esportivo?**

*Todo profissional tem que ser imparcial ao analisar ou divulgar uma notícia.*

**Futebol é paixão. Como separar a paixão da razão na hora de editar, apresentar, redigir uma matéria do clube do coração e de seus adversários?**

*O clube do coração é mais cobrado pelo jornalista, mas com o tempo a paixão e a razão serão separadas.*

**O torcedor do Botafogo tem reclamado bastante do tratamento da mídia nos últimos anos. Você acredita que exista fundamento para tal reclamação?**

*O tratamento da mídia com o clube depende muito do momento do time de futebol profissional.*

**Por que as dificuldades do Botafogo ganham uma dimensão tão grande, quando outros as vivem, às vezes em grau até maior? Falta assessoria? Má vontade dos dirigentes (fontes)?**

*Existe hoje uma nova geração de setoristas de clubes que só se preocupam em divulgar matérias ruins e denegrir a imagem do clube.*

**A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?**

*Nós botafoguenses não podemos ter complexo de inferioridade porque o Botafogo é décimo segundo colocado no Ranking da Fifa nos últimos 40 anos.*

**A que você atribui tamanha diferença entre a cobertura do Fluminense e a do Botafogo no jornal O Globo?**

*Por que o editor de esportes de O Globo torce pelo Fluminense.*

**Conversando com Roberto Porto, ele me disse que de uma maneira geral os jornalistas esportivos não gostam do Botafogo. O que você acha dessa afirmação?**

*Porque o Botafogo foi o clube que mais cedeu jogadores à Seleção Brasileira e teve 2 jogadores considerados os maiores do mundo: Garrincha e Nilton Santos.*

**Washington Rodrigues me disse que quando o Botafogo está bem vende mais jornal que qualquer outro, mas quando está mal vende menos que os outros. O que você pensa sobre isso?**

*O torcedor do Botafogo acompanha o dia a dia do clube, por isso compra mais jornal e ouve mais rádio.*

**Você teria algum exemplo, talvez vivenciado por você, de interferência causada por ordem de paixões clubísticas ou interesses mercadológicos na edição ou publicação de uma matéria?**

*Existem vários interesses dentro do jornalismo esportivo, mas eu particularmente nunca presenciei algum fato.*

Segue abaixo a entrevista realizada por e-mail com Roberta Oliveira, jornalista da rádio Panorama.

**Você considera possível a imparcialidade dentro do jornalismo esportivo?**

*É muito difícil ser imparcial em algo que é movido a paixão. Existe a falsa sensação de imparcialidade, mas o torcedor sempre tem a certeza de que o profissional está contra o time dele. Pergunte a um botafoguense para quem o Galvão Bueno torce e ele vai te dizer: "Flamengo". Se você fizer a mesma pergunta para um palmeirense, ele vai dizer: "Corinthians". Considero possível ser racional, usar a paixão para motivar e atrair o espectador, o ouvinte, o leitor, não para desrespeitá-lo. É estupidez de o jornalista achar que quem está do outro lado*

*não percebe a diferença. Eu não vejo mesas redondas dos canais paulistas porque invariavelmente fico irritada. O mundo deles se resume à Corinthians - exceto o Milton Neves que é santista doente e não engoliu ainda aquela derrota para o Botafogo em 1995 e faz questão de lembrar disso, especialmente quando o Botafogo perde.*

**Futebol é paixão. Como separar a paixão da razão na hora de editar, apresentar, redigir uma matéria do clube do coração e de seus adversários?**

*Não precisa separar. Basta usar como um ingrediente para temperar a matéria. Quando feito na dose certa, funciona. O jornal LANCE! faz isso, assim como o OLÉ!, da Argentina, que irrita, mas tenho que admitir que eles usam excelente estratégias para chamar a atenção e motivar os leitores. Toda vez que o Brasil ganha da Argentina - e como das últimas vezes, por goleada, faço questão de entrar no site só para ver e me divertir com a reação deles. A mesa redonda do ALTEROSA ESPORTE, com representantes dos grandes clubes mineiros, também segue esse modelo e funciona, porque, mesmo que você não torça para nenhum dos três, você sabe que o programa existe. Minha irmã não é fanática por futebol como eu e minha mãe, mas ela adora o programa, pelas provocações e implicâncias uns com os outros. E eu queria ter visto o famoso dia em que o Dadá Maravilha soltou um galo no estúdio para comemorar um resultado do Atlético. É uma forma de falar direto ao coração do torcedor - e em se tratando de futebol, é isso que ele quer. Alguém que reflita as dúvidas, as inseguranças, as críticas, os elogios e os comentários que ele faz entre amigos, no bar, na arquibancada ou quase chutando a TV e o rádio em casa. Cabe ao*



*jornalista saber usar. Você não vai exagerar e usar a paixão como desculpa para mascarar uma péssima atuação ou os problemas internos do seu clube - ainda mais porque isso não resolve o problema. Mas pode usar a paixão na receita racional de formatar a matéria para provocar o pensamento crítico do seu leitor, espectador, ouvinte.*

**O torcedor do Botafogo tem reclamado bastante do tratamento da mídia nos últimos anos. Você acredita que exista fundamento para tal reclamação?**

*Acredito. Como botafoguense e como jornalista, sinto que o foco às vezes não estar onde deveria. Às vezes, rusgas sem importâncias e comuns no meio futebolístico ganham uma repercussão gigantesca e caótica no Botafogo. Neste ano, o método do Carlos Alberto para ensinar os jogadores a não ficar com a atenção fixa na bola ganhou manchetes e piadas. Com a vitória na Taça Guanabara, veio o reconhecimento que talvez aquilo fizesse sentido. Aliás, a Taça Guanabara motivou as piadinhas tenebrosas do tipo: "é um troféu que não vale nada" (e tive que responder ao Flamenguista que me disse isso que tanto concordava que o time dele nem entrou na disputa) e que ficaram para a decisão quatro times pequenos (e o tricolor venenoso teve que engolir a resposta sorridente de que "se os pequenos chegaram à final porque os minúsculos ficaram pelo caminho"). E eu tenho pavor de ver transmissão de jogo do Botafogo pela TV, se tiver comentário do Sérgio Noronha. Ele tem o dom de me irritar. De fazer uns comentários muito pesados quando não é necessário. E basta uma virada, como aconteceu na final da Taça Guanabara, para mudar de idéia e transformar o alvinegro na melhor equipe do planeta. Que o time do Botafogo não é nenhuma*

*seleção brasileira, todo mundo sabe. O do Vasco é pior. O do Flamengo é irregular e longe de cumprir a tradição da Gávea. Os craques do Fluminense não se entenderam até agora. Por que só o Botafogo leva pedras?*

**Por que as dificuldades do Botafogo ganham uma dimensão tão grande, quando outros as vivem, às vezes em grau até maior? Falta assessoria? Má vontade dos dirigentes (fontes)?**

*De passado glorioso, o Botafogo se perdeu pelo caminho e hoje acostumou a ser tratado como um vira-lata. Para piorar, o torcedor nunca sabe a real situação do clube - já pagou as contas, ainda está devendo, a quem deve, por que deve? Sim, acredito que existe exagero, certa antipatia, preconceito dos jornalistas e falta de respeito com a torcida. Falta também mais infra-estrutura do clube, patrocínio forte e um relacionamento mais estreito entre dirigentes e imprensa, que reflete no que é repassado ao público. Apesar de já ter ouvido várias entrevistas do Bebeto de Freitas ns jornadas esportivas de final de semana na imprensa carioca onde ele não se furtou a responder temas espinhosos. Eu sei que nem a melhor assessoria do mundo consegue impedir quando o problema é muito grande. No entanto, falta ao Botafogo jogo de cintura para amenizar certas situações que só servem para desgastar a equipe e irritar a torcida.*

**A sensação que muitos torcedores do Botafogo têm é a de que a mídia não trata o clube como grande. Mania de perseguição, complexo de inferioridade ou realidade?**

*Existe um preconceito da imprensa, que rotulou a torcida botafoguense de pessimista, pequena e acha que não tem problema se falar o que bem entende. Nada justifica o mau tratamento: não é porque a torcida alvinegra não é tão grande como é a do Flamengo e nem registrou crescimento recente como as de Fluminense e Vasco e também porque o Botafogo passou anos mergulhado no ostracismo, repleto de problemas como má administração, dívidas, falta de resultados e nada de títulos. Muitas crianças se tornaram alvinegras por causa do Túlio. Outros tantos aprenderam a respeitar a tradição gloriosa de Mané Garrincha, Nilton Santos e Jairzinho. É público leitor e merece respeito. Se não encontra isso em um veículo, vai buscar em outro. Os problemas existem, o torcedor não quer ser enganado, quer ser informado. E cabe ao jornalista encontrar a forma, passional ou racional, que seja de atender a essa demanda.*







